

Primeiras Palavras

MARIANA TOTINO, PEDRO GUIMARÃES,
STÉPHANY MARTINS E THÁISA MADEIRA

A revista **Eclética** 38 vai lembrar o passado. Os tempos são outros, os retratos de família mudaram, mas ainda somos uma caixinha de lembranças. Nesta edição vamos desvendar a memória, falar de saudade, da onda retrô na moda e em outros mercados e ainda sobre o grande palco de heróis e conquistas que é o futebol. São 10 artigos para serem guardados na estante – ou melhor, serem salvos no computador – como relíquias de um colecionador.



Sumário

O QUE É NOSTALGIA	2
SENTIMENTO ÚNICO CHAMADO SAUDADE	7
UM CARIMBO MÁGICO: A MEMÓRIA	10
COMPRANDO O PASSADO	16
NÃO SOU VELHA, SOU VINTAGE	22
NOSTALGIA NO FUTEBOL	26
O PASSADO EM UM CLIQUE	30
A ETERNA NOSTALGIA	34
UMA VIAGEM ATRAVÉS DA MÚSICA	38
A FAMÍLIA FICOU PARA TRÁS	42



ECLÉTICA É UMA REVISTA SEMESTRAL DOS ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO. ESSE NÚMERO FOI PRODUZIDO PELA TURMA DE 2014.1 DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, DA DISCIPLINA DE EDIÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO.

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Social
PROF. CESAR ROMERO

CORDENAÇÃO EDITORIAL
PROF. FERNANDO SÁ

PROGRAMAÇÃO VISUAL
PROF. AFFONSO ARAÚJO

ALUNOS DITORES
MARIANA TOTINO, PEDRO GUIMARÃES,
STÉPHANY MARTINS E THÁISA MADEIRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
RUA MARQUÊS DE S. VICENTE, 225 – ALA KENNEDY
6º ANDAR – GÁVEA – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22453-900 – TEL.: (21) 3527-1603

O que é nostalgia?

Quem nunca sentiu aquela saudade de um momento que viveu? Uma vontade de voltar no tempo e reviver uma boa época? Olhou para um objeto, sentiu um cheiro, ouviu um som e relembrou um passado cheio de saudade?

THAÍSA MADEIRA E NICOLE LACERDA

Dois amigos descem as escadas no final da aula. “Uma nostalgia?”, indaga o estudante de camisa vermelha. “Ler depoimentos no Orkut e se perguntar para onde foi todo aquele carinho, aquela saudade e, principalmente, aquelas pessoas”, responde o amigo de amarelo, pensativo. E o sentimento ficou no ar, contagiando até quem estava ao lado. “O que seria nostalgia, afinal?”, volta a perguntar o amigo de blusa vermelha. “Vejo como todas aquelas coisas que queremos de volta e com o passar do tempo ficam cada

vez mais inalcançáveis”, afirma o de amarelo.

Para especialistas, nostalgia é um termo que descreve uma sensação de saudade idealizada, e, às vezes, irreal, por momentos vividos no passado associada com um desejo sentimental de regresso, impulsionado por lembranças de momentos felizes e de antigas relações sociais. Mas não confunda com saudade, elas são diferentes. Saudade é direcionada a um alvo ou momento específico e até pode ser superada pela presença ou repetição. Já a nostalgia, não. Ela não pode ser superada no campo físico porque diz respeito somente a uma visão idealizada de passado que cada um possui. A



Jaqueline de Oliveira e o primo Pedro de Oliveira. A jovem sente saudade dos aniversários do primo no sítio, em que a casa ficava cheia de crianças

Jaqueline lembra da felicidade ingênua, que não exige muito para existir





psicóloga Fabiane Cirauda afirma que a saudade, a nostalgia ou a melancolia são espécies de modalidades:

– Estes sentimentos são modulações da nossa relação com os seres de memória e a sensibilidade com o tempo. A saudade é um sentimento da própria singularidade e por ser uma singularidade transcendente é sentida como singularização do ser – explica.

Aos 20 anos, Jaqueline de Oliveira, estudante de direito, sente saudades da infância, dos aniversários que deixavam a casa cheia de crianças. Do pi-

que polícia e ladrão, das descidas na ladeira com carrinhos de rolimã e de andar na mala do carro com a porta aberta e as pernas para fora. A jovem lembra que nada era tão bom quanto aquela felicidade ingênua, que não exige muito para existir.

– Sinto falta da inocência, de achar que a vida é para sempre, de não ver problema em nada, e de superar obstáculos sem sequer sentir que estão presentes. Eu sempre me pergunto de onde vem este sentimento que me faz querer voltar ao passado – observa a estudante.

Etimologicamente, a palavra nostalgia é forma-



A estudante Rafaella sente falta da época que não viveu, de quando a juventude fazia valer suas vontades

da pelos termos gregos nostós, que significa regresso a casa, e álgos, que significa dor. Esse sentimento de tristeza é causado em um indivíduo pela distância em relação a um lugar, pessoas ou coisas. Esse afastamento em relação a elementos queridos provoca abatimento e uma vontade extrema de voltar aos momentos e lugares ou de estar com algumas pessoas.

– Eu, por exemplo, quando sinto cheiro de pão na chapa, tenho uma lembrança nostálgica da minha infância e sinto vontade de voltar no tempo – relembra Jaqueline.

Nostalgias de décadas

Na cultura de massa, a nostalgia é separada por décadas, como “nostalgia 70”, “nostalgia 80” ou “nostalgia 90”, representando o conjunto de produtos culturais de uma época, como filmes, brinquedos, músicas etc., geralmente destinados a crianças e adolescentes. Esta nostalgia começa, naturalmente, assim que a década termina, e se manifesta em atitudes como guardar e colecionar objetos antigos, ou apenas se interessar por discussões e leituras sobre o tema. Esse fenômeno ocorre porque, diante do mundo adulto, é comum recordar a infância como forma de escapismo. Além

das lembranças individuais, há também a dos produtos culturais da época, criando uma identidade nostálgica entre pessoas de mesma idade. Para a estudante de comunicação social, Rafaella Rambaldi talvez a nostalgia venha de um futuro sem perspectivas:

– Eu e meus amigos temos 21 anos, no geral, e sentimos falta de um ideal para lutarmos. Sentimos falta da época que não vivemos, de quando a juventude era alguém e fazia valer as suas vontades.

Por conta de pensamentos como o de Rafaella, alguns teóricos da área da psicossomática afirmam que o termo “nostalgia” significa sentir falta de uma ação que poderia ter sido realizada e que, por um motivo qualquer, não se realizou.

– Sinto muita falta do que vivi e isso não é clichê. No meu celular, as faixas de música pulam de uma década para outra. Escuto clássicos do rock da década de 1970, blues dos anos 1930, grupos eletrônicos do fim do século XX e sucessos populares década de 1960. Confesso que às vezes nem sei de que época é cada som. Jogo tudo lá e ouço misturado – diz a estudante de 21 anos.

Se pararmos para pensar, realmente é nítido o crescimento entre os jovens que cultuam as músi-



cas, os filmes, as roupas e os objetos de *design* do passado. A onda retrô é uma marca da geração que mistura, com prazer, gostos de várias épocas. Eles cresceram no espaço cultural da internet, onde aquilo que é antigo tem o mesmo espaço e valor que o novo, onde o mais velho e o mais recente convivem lado a lado, ao alcance instantâneo de um toque de tela ou de teclado. Nos últimos anos, a internet se tornou o centro de um fenômeno que domina a cena cultural: a prática de reciclar e celebrar o passado.

– Porém, não se trata da velha nostalgia que faz seu avô se emocionar ouvindo discos ou vendo, pela 20ª vez, as cenas românticas de sucessos nos anos 1960. O apego ao que se viu, ouviu ou viveu no passado é algo que nós todos sentimos e que se confunde com a saudade da própria juventude e de si mesmo. O que está em curso com a onda retrô, por exemplo, é diferente – afirma a psicóloga Fabiane Ciraudó.

Em pleno século XXI, pratica-se abertamente a veneração pela música, pela moda e pelo comportamento de outras gerações. A garota que se veste

como *hippie*, por exemplo, não viveu o movimento *hippie*. O rapaz que anda de Opala ouvindo Elvis Presley não viveu os anos 1970. A garotada, principalmente, se associa a um passado que não pertence a eles, e o fazem de uma forma cada vez mais natural, às vezes imperceptível.

– Não se trata de vestir uma fantasia para dançar rock dos anos 1950 em um clube em que todos fazem o mesmo. O que se faz agora é mais universal e mais sutil – completa Fabiane.


Talvez não estejam preocupados em curtir música das gerações anteriores. Apenas o fazem. Rafaella, embora se identifique com o ideário do movimento pacifista, não faz parte de um clube em que todos se vestem como nos anos 1960. Muitos jovens estão imersos em produtos e ideias do passado e nem percebem. A “retromania”, também chamada por outros pensadores de “cultura do *revival*”, está no dia a dia de todos, num movimento alimentado tanto por produtores como por consumidores.

– O passado é algo bacana e exótico para a maioria das pessoas. A palavra “novo” se tornou ultrapassada – finaliza Rafaella. ✨

NOSTALGIA X MELANCOLIA

Melancolia, xilogravura de Durer

— NOSTALGIA e LITERATURA —



NOSTALGIA no ROMANTISMO

Iracema, de José Alencar, mestre do Romantismo *brasileiro*

Sentimento único chamado **saudade**

A sensação de ausência, que pode provocar doenças, é exclusividade vocabular da língua portuguesa

Schadenfreude Homesick
saudade
SOLITUDE

AMANDA ESTEVES E HUGO PERNET

Só não erra quem não faz. Tal como a saudade: só quem não a sente é quem não vive. É difícil encontrar alguém que nunca tenha sentido saudade de alguma coisa, saudade de uma época, lugar ou de alguma pessoa especial. Só quem nunca viveu momentos bons na vida não conhece esta sensação que pode acarretar em doenças. Tão presente no cotidiano, este sentimento marca o calendário brasileiro: no dia 30 de Janeiro comemora-se a saudade.

Este sentimento pode ser definido de maneira muito simples: é quando alguém sente falta de algo bom e inacessível, naquele momento, que pode resultar tanto em inspiração quanto em dor. Quando uma pessoa sente saudade de forma positiva, ela transcende o tempo e o es-

paço por meio de pensamento. Segundo o professor Paulo Brito, do Departamento de Letras da PUC-Rio, a palavra saudade veio do latim *solitude*, declinação de *solitas*, “solidão”.

Com o tempo, o termo saudade derivou outras palavras, como a qualidade do “saudosismo” e seu adjetivo “saudosista” – apegado a ideias, usos, costumes passados –, que é aquele que produz o sentimento de saudade, cuja utilização pode ser empregada para entes falecidos ou para substantivos abstratos, como em “os saudosos tempos da mocidade”. Ou, ainda, não referente ao produtor, mas àquele que sente e que demonstra saudade.

Privilégio brasileiro

Muitos afirmam que a palavra saudade só existe na língua portuguesa. É verdade, não há tra-

dução exata deste sentimento. Mas pessoas de todas as nacionalidades experimentam a sensação de ausência de algo e de alguém. Como versa Fernando Pessoa, em um poema, a exclusividade vocabular para designar a dor da ausência pertence à língua portuguesa.

***Saudades só portuguesas
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que a têm***

O professor Paulo Britto afirma que “nada tem de especial” o fato de não haver uma única palavra que traduza “saudade”. “Todos os idiomas têm palavras sem correspondentes exatas em outras línguas. Em inglês, por exemplo, temos o adjetivo *homesick*, “saudoso do lar”, do qual se deriva o substantivo *homesickness*, “saudade



Rosane tem saudades da juventude

do lar”.” O professor disse ainda que não existe uma palavra específica para este sentimento, mas “saudade do lar” exprime a ideia com perfeição. “E o alemão tem *Schadenfreude*, ‘alegria que se sente ao se saber que um inimigo está sofrendo’, reitera Paulo Britto. “Todo ser humano já sentiu *Schadenfreude* mais de uma vez na vida, muito embora, se seu idioma não for alemão, ele não conheça uma palavra exata para designar o sentimento.”

Nenhum termo é tão presente nas poesias, músicas e na literatura brasileira como a “saudade». Este sentimento é expresso por nossos autores de formas diferentes. Vera Lúcia Figueiredo, professora de Literatura da PUC-Rio, afirma que a saudade é um tema que aparece mais na literatura romântica, do século XIX. Lá, a saudade está muito ligada à questão do exílio, à saudade da terra natal, das viagens

e até mesmo uma certa nostalgia da juventude e da infância, como está evidente no poema de Casimiro de Abreu intitulado *Meus oito anos*:

***Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem
mais!***

A professora afirma ainda que no século XX este termo perdeu a “proeminência” em função da descartabilidade das relações. “Logicamente, os autores sentem saudade, mas não é um tema que possui uma centralidade na literatura contemporânea. As dores causadas por um sentimento de perda não são um tema tão intenso nesta literatura, sobretudo pelo viés da saudade.”

Saudade em todas as idades

É interessante observar que a percepção da saudade se repete



Maria da Conceição sofreu com saudades da família

mesmo abordada por idades diferentes e muito distantes. Ao ser perguntada sobre o que é saudade, a menina Ana Beatriz, de apenas seis anos, deixou todos em sua volta encantados ao responder que saudade é quando a outra pessoa está longe. A



Ana Beatriz sente saudades quando outra pessoa está longe

criança afirmou que as pessoas sentem saudade e têm uma dor muito grande, porque está sentindo muito amor.

Entre os adultos a partir de 40 anos as respostas variam entre a falta de entes queridos e da época da juventude. Rosane Dornelas, 45 anos, disse que para ela saudade é “quando alguém que ela ama muito está longe”. “Neste momento, eu tenho saudades. Lembrar-se de um tempo bom em que vivi, e que queria que acontecesse novamente. Saudades de quando eu ainda era jovem. Saudades dos meus cabelos longos e dos meus 15 anos.”

Tatiana Paranaguá, professora do departamento de Psico-

logia da PUC-Rio, explica que a saudade, por definição, “é o mesmo fenômeno em todas as idades”, mas, segundo ela, algumas variáveis podem modificar os efeitos deste sentimento. “Quanto menos ativas forem as pessoas, quanto menos planos e possibilidades, mais saudade podem sentir, pois a afetividade pode estar totalmente deslocada para o passado.”

A aposentada Maria da Conceição da Silva, de 79 anos, lembra-se da época em que sentiu mais saudade na vida dela. Nascida no interior de Minas, decidiu viajar ao Rio de Janeiro, com 18 anos. Naquela época, teve de deixar os pais e os 10 irmãos

na roça, para tentar a sorte em uma cidade grande. Passado um mês sem a família, Conceição tinha notícias dos entes queridos por meio de cartas. “Nos primeiros meses no Rio de Janeiro, eu chorava todas as noites.”

De acordo com Tatiana Paranaguá, a saudade pode gerar depressão, principalmente em pessoas que não vivenciam boas experiências. A psicóloga afirma ainda que a doença pode se desenvolver quando algo ou alguém é visto como indispensável para manter o interesse pela vida. “É preciso saber praticar o desapego e saber focar energias no que existe hoje, pois o agora é tudo o que realmente temos.” ✨

Saudade e nostalgia

Nostalgia

Significa o estado de profunda tristeza causado pela falta de algo. É um sentimento melancólico geralmente produzido em pessoas que se encontram longe da sua terra natal e sente saudades da sua pátria, do seu lar e de coisas que lhe são familiares. Esse sentimento de tristeza é causado em um indivíduo pela distância em relação a um lugar, pessoas ou coisas. Esse afastamento em relação a elementos queridos provoca abatimento e uma vontade extrema de voltar a esses momentos e lugares ou de estar com algumas pessoas.

A nostalgia pode gerar um comportamento anormal em indivíduos que foram afastados da terra natal ou separados da família. Nestes casos, há um forte desejo de regressar à pátria ou de rever os familiares. A nostalgia é um sentimento semelhante à saudade, que tende sempre a aumentar.

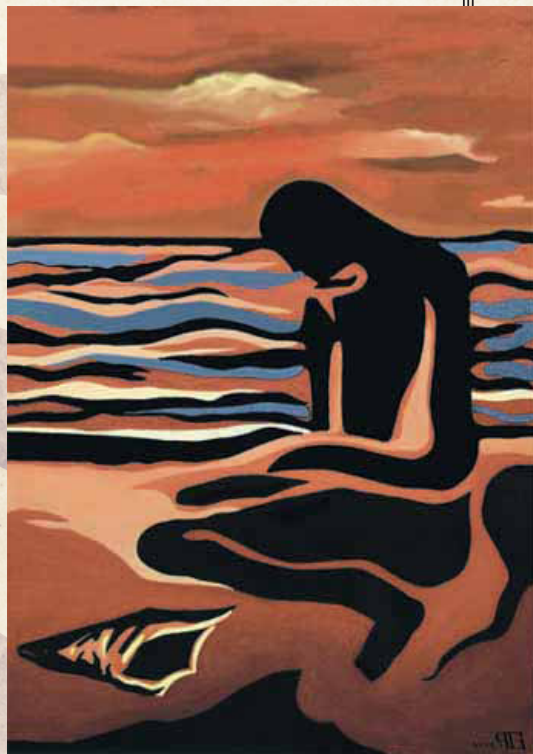
Saudade

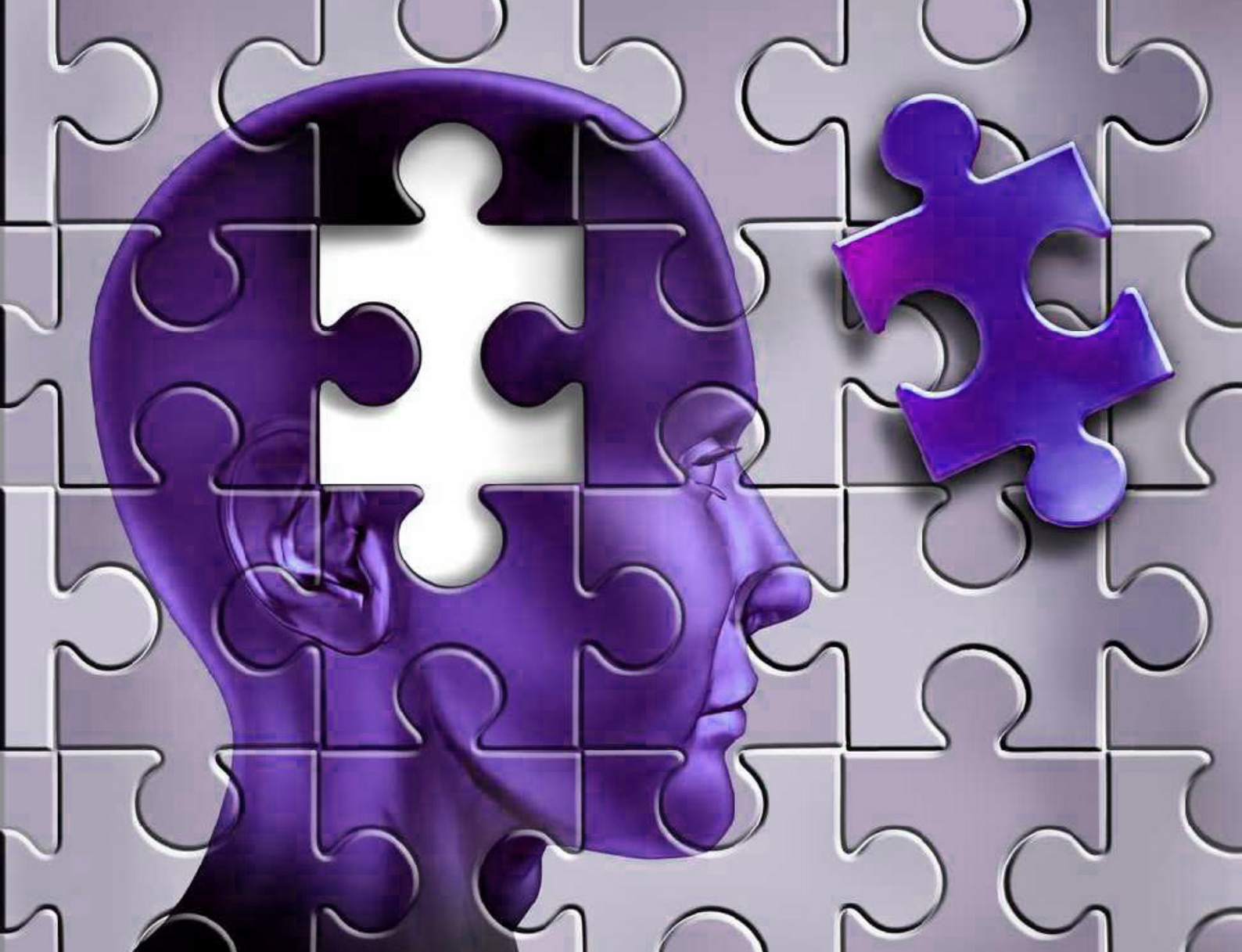
Significa a memória de algo vivenciado por uma pessoa, que dificilmente experimentará a mesma sensação de novo.

Saudade, segundo a lenda, surgiu no período dos descobrimentos e definiu a solidão que os portugueses vindos para o Brasil tinham da sua terra e dos seus familiares. Eram atacados por uma melancolia por se sentirem tão sozinhos e distantes.

O termo saudoso é muito utilizado quando em referência a alguém que morreu, e que traz grandes lembranças.

Existe uma expressão que diz “matar a saudade.” Ela significa que no momento em que o indivíduo vê o objeto do seu sofrimento, torna-se alegre e feliz, portanto está “matando” aquela saudade.





Uma das possibilidades de resgate dos sentimentos e das emoções é através da memória. E, veremos ao longo da matéria que a memória não é apenas uma questão cerebral. Logo, a nostalgia também pode ser resgatada através dela. Pronto para entender o enigma um pouco melhor?

Um carimbo mágico: a memória

Arte, ciência e história – a tríade fundamental da mente humana

Com um poder infundável, o nosso cérebro guarda cheiros, sensações, sentimentos, além de lembranças da vida, que funcionam como luzes que piscam e nos fazem recordar. Guardamos uma quantidade de informações equivalente a 20 bilhões de livros. Essencial para a sobrevivência, a memória está presente em tudo, assegura nossa identidade pessoal e permite que representemos o mundo através de todo o capital cultural que cultivamos ao longo da nossa trajetória.

Vivemos de recordações desde o simples ato de caminhar até a compreensão de questões existenciais. Somos movidos pelas justificativas armazenadas na mente. Ou seja, ela é uma caixinha enigmática, indispensável, absoluta e que dá sentido ao corpo e à mente. O cérebro é capaz de gravar tudo o que alguém vê, ouve, sente ou toca. Porém, o que dá foco àquilo que se grava, tornando as lembranças mais ou menos nítidas, é a concentração. É a partir do mecanismo da memória que somos vítimas de um sentimento incógnito na sociedade: a nostalgia. São as memórias acumuladas – tanto boas quanto ruins – que nos levam até ela.

Para além de um processo puramente neurológico, nossas emoções e sentimentos são diretamente influenciados pela chamada “memória emocional”. No cérebro, ela passa por uma região, o sistema límbico, onde é feita a união de sentidos – como, por exemplo, olfato e audição –, com situações que já vivemos. Por isso, muitas vezes, um cheiro ou até uma música podem nos reavivar momentos. A fórmula para que tudo o que vivamos seja armazenamento é simples.

Através de circuitos cerebrais, as informações viram um caminho para que possamos nos recordar daquela informação já consolidada, o que os especialistas chamam de “traço de memória”. Segundo a neurologista Maria Eduarda Nobre, o funcionamento da memória depende da atenção, armazenamento e consolidação.

“O armazenamento é feito através de circuitos cerebrais que criam trajetos fixos de uma informação. Esse é o caminho para se recordar daquela informação já consolidada, denominado traço

de memória. Não há capacidade. O cérebro, diferentemente de um computador, quanto mais informações armazenadas, maior sua capacidade. Quanto maior nosso armazenamento, menor a chance de perdermos essas informações”, explica.

Porque alguns lembram mais e outros menos?

De acordo com Maria Eduarda Nobre, existem dois tipos de características para identificar cada indivíduo com uma memória frágil.

“Existem dois aspectos fundamentais. A influência genética, determinante na capacidade de armazenamento e a quantidade de estímulo, que gera um aporte maior de informações, levando às conexões neuronais. Quem não tem privilégio genético pode ter a mesma capacidade, porém com maior esforço”, explica a neurologista. Por outro lado, fatores externos como acidentes e doenças também podem afetar o processo cognitivo da memória, mas sem necessariamente perdê-la. A neurologista Maria Eduarda Nobre afirma que geralmente se perde a consciência pelo trauma, mas que logo é recuperada, a não



Para Maria Eduarda Nobre quanto maior a idade, maior é a necessidade de novos estímulos

As memórias perdidas

Era tarde na Cidade do México. O dia estava ensolarado e agradável. O parque estava lotado, com famílias e crianças agitadas. Seria apenas mais um dia de lazer e diversão se Flor Evans não se deparasse com um incidente bem no meio da sua descida no escorregador. Ao desviar para dar passagem a duas moças, Flor se apoiou em um suporte que não estava totalmente seguro.

O resultado foi uma queda de cabeça que comprimiu os pulmões e por pouco não teve fraturas. O acidente poderia ter sido fatal, mas na verdade, a gravidade só foi diagnosticada no dia seguinte, Flor havia perdido a memória. Formada em Letras, 57 anos, ela relembra o período mais difícil da sua vida e o como foi a recuperação que até hoje é um mistério para muitos.

Eclética: Quando e como foi o acidente que você sofreu?

Flor Evans: Foi num feriado do dia da Independência do México, 15 de setembro, de 1989. Fui com os jovens da igreja a um parque de diversões recém-inaugurado. Eu tinha ido com minha família uma semana antes e andado em um brinquedo que se chamava “cascata”. Os jovens pediram para eu ir junto de novo, porque eles estavam com medo. Subi uma escada muito, muito, muito alta e estreita e você coloca um saco em baixo de você, joga água nos colchões para deslizar entre as curvas do brinquedo. Quando foi minha vez, percebi que as pessoas estavam indo muito devagar. Quando eu estava no meio, eu tentei desviar para duas moças passarem e me apoiei na borda do brinquedo. Porém, a borda era provisória e não tinha proteção e caí da altura de um andar com tudo. Não conseguia respirar. Só lembro que tudo ficou escuro e ouvia uma voz “respira”. Achei que tinha morrido.

Eclética: O que você recorda após o acidente?

Flor: Me lembro de várias coisas que falavam para mim. Tive que usar fraldas, pois eu não podia fazer nada sozinha. Quando eu saí da internação, precisava voltar todos os dias para a fisioterapia, reaprender a caminhar, fazer exercícios, recebia estímulos para conseguir me movimentar. Lembro que eu fazia terapia também para reaprender as letras do alfabeto. Me ensinaram a comer com garfo e faca também, pois eu estava comendo com a mão.

Uma vez me encontraram comendo flores, porque eu esqueci que não podia comer.

Eclética: Quais foram os diagnósticos dos médicos?

Flor: Eles disseram para o meu esposo que eu estava com a mentalidade de uma criança. Disseram que, com a fisioterapia, a minha reabilitação seria de, em média, três anos.

Eclética: Como foi a experiência de perder a memória por dois meses? O que você esqueceu exatamente?

Flor: Eu tive amnésia seletiva. Conseguia me lembrar apenas de uma pessoa, Gray Reymond, que era um inglês, amigo meu. Me lembrei dele pelas sobrancelhas, pelo rosto. Lembrava que co-



mia pizza uma vez por semana. Por outro lado, esqueci dos meus filhos e do meu marido, infelizmente. Tiveram que levar fotos para mim. Não lembrava nem de Deus. Aí meu marido começou a levar áudios de trechos da Bíblia para mim, na tentativa de me fazer recordar a minha fé.

Eclética: Como foi seu processo de recuperação?

Flor: Considero que aconteceu um milagre na minha vida. Sempre recebia a visita de uns amigos cristãos na minha casa. Um dia, recebi uma ligação de uma amiga que morava nos Estados Unidos. Ela ligou para saber como eu estava. Eu não me lembro direito o que eles oraram. Aí, comecei a sentir algo muito esquisito na cabeça. Eu tive uma dor de cabeça muito forte, de apertar os olhos, e tive insônia. Nem sei como explicar, mas no dia seguinte eu comecei a lembrar do meu marido, dos meus filhos, do meu endereço, meu número de telefone, onde era o escritório da igreja. Fiquei tão empolgada porque eu finalmente consegui me lembrar! Levantei da cama, e disse para minha mãe “vou para igreja!”. Ela não levou a sério, pois eu não falava coisa com coisa enquanto estava naquele estado. Quando eu disse o endereço da igreja, ela ficou surpresa, chocada e se perguntava o que tinha acontecido de um dia para o outro.

As pessoas ficavam me testando, perguntando vários números de telefone e eu conseguia responder. Depois, meu marido me levou até o hospital e os médicos me avaliaram e ficaram sem explicação. Fizemos alguns exames e descobriram que eu tinha recuperado 80% da minha memória. Continuei tomando remédios, pois ainda permanecia com alguns danos cerebrais e tinha crises de epilepsia de vez em quando.

Eclética: Qual foi a sensação de ter de volta a memória?

Flor: Foi como ter minha vida de volta. É triste, eu perdi muito tempo. Não sabia que meu corpo ficaria limitado, que teria crises de vez em quando. Antes do acidente, eu conseguia lembrar de toda a minha vida. Hoje, eu recordo algumas, mas tem muita coisa que eu não me lembro nem nunca vou lembrar. Quando alguém me dizia “Nós já assisti-

mos esse filme”, eu achava um absurdo. Quando me dizem “Você sabe, só não se lembra mais”, eu fico muito chateada. Os médicos me falavam para eu tentar viver a minha vida, mesmo sem as memórias que eu desejava ter de volta. Afinal, eu teria que conviver com isso pelo resto da vida. A cada lembrança que eu resgatava, eu comemorava. Eu oscilo entre frustrações e conformismo.

Eclética: O que todas essas experiências lhe fizeram perceber a importância da memória na nossa vida?

Flor: Para mim, a memória é a vida. Não se lembrar das coisas é como estar morto. É terrível! Quando você fica deitado na cama muito tempo, a sensação é que a vida está indo embora. As lembranças são como tijolos que vão edificando e construindo sua vida. Quando não se tem lembranças, é difícil edificar algum relacionamento, ter memórias lindas da sua família. Daí a importância das fotografias. Quando você olha e lembra cada detalhe, cada coisa. Isso anima, isso constrói seu interior, sua vida, a sua mente, seu destino. Acho que não ter memória é como vegetar. Como comer flores e só lembrar que existe pizza (risos). Eu tinha um corpo, não podia fazer nada sozinha, não podia fazer exercício.

Eclética: Qual memória que você perdeu, mas que você queria ter?

Flor: Quando eu perdi a memória, minha filha era muito pequena. Meu marido começou a levá-la para a creche todos os dias. Ela aprendeu a ir ao banheiro sozinha. Isso eu daria tudo para lembrar. Pode parecer uma coisa simples, mas para mim, teria significado muito. Eu queria ter acompanhado todas as etapas dos meus filhos. Naqueles dois meses, ela aprendeu muita coisa que eu não ensinei. Eu adoraria lembrar, mas, infelizmente, não consigo.



Flor Evans

ser que haja uma hemorragia cerebral, situação que pode ser definitiva.

“A idade compromete a integridade do armazenamento e do resgate. Alguns neurônios morrem e algumas conexões ficam comprometidas. Quanto maior o treinamento, melhor o funcionamento e possibilidade de novas sinapses serem formadas. Por isso quanto maior a idade, maior a necessidade de estímulo, principalmente de informações novas. Existem várias doenças degenerativas. A morte neuronal é um processo natural do envelhecimento, porém, nas doenças degenerativas, há uma aceleração deste processo”, afirma Maria Eduarda.

As heranças da memória

Um dos principais combustíveis da arte é a memória. Para criar ou reinventar o que já existe é preciso ter inspirações, e, assim, ativarmos a nossa mente em busca de percepções que possam ser traduzidas em músicas, poesias, pinturas, danças e tudo o que estiver no campo da criatividade.

A artista plástica e professora de Artes do Magistério do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Helena Carvalho, relata que a inspiração, para ela, é um ato contínuo. Ela explica que depende de uma obra para criar outra.

“A anterior inspira a atual. É como se a inspiração tivesse nascido num dia e continuado a ser alimentada pela constante busca da concretização de seu ideal, que é a obra. A tela é limitada. No espaço dela se constrói o fragmento de um

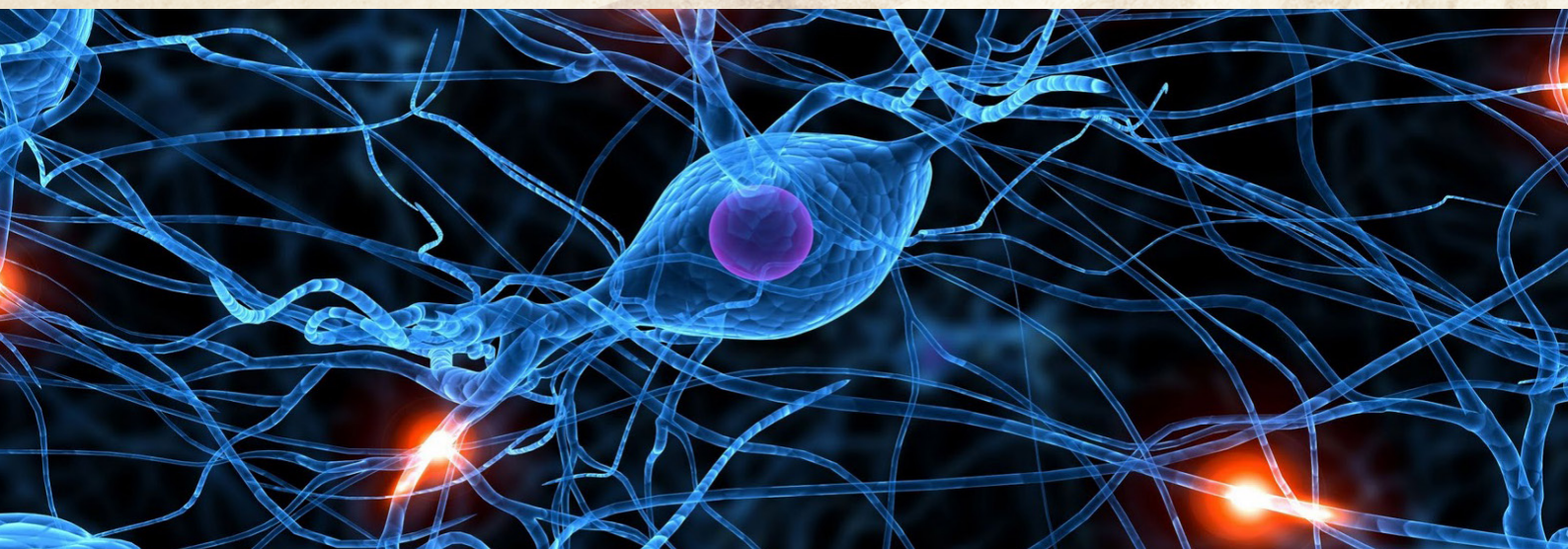
todo. Na próxima tela eu continuo, pois é um processo infinito – descreve Helena, que já teve exposições realizadas no Brasil, em Amsterdam, Madrid, Milão, Nova York e Paris.”

Helena admite que a nostalgia é o principal pilar da confecção de uma criação, que inspira os artistas a partir de um sentimento vivenciado no passado, no presente ou até mesmo na utopia.

“Ela inspira na medida em que me dá as chaves para as soluções dos desafios que surgem na construção da obra. Essa memória é o conhecimento armazenado que engloba os aprendizados acadêmicos, tudo o que capturei na observação de obras de arte em inúmeras visitas a museus, além das experiências que obtive na solução dos embates durante a criação de obras de minha autoria – completa a artista plástica comentando como a nostalgia é importante para o seu trabalho.”

Apesar do uso presente da nostalgia nas diversas formas de arte, a neurologista Maria Eduarda Nobre entende que ela pode ser prejudicial.

“Existem basicamente dois tipos de nostalgia. A nostalgia agradável, em que o indivíduo relembra-se do passado com alegria, mas tem seu foco no presente e no futuro. E temos a nostalgia da lamentação, na qual o indivíduo fica preso ao passado, sem conseguir viver o presente e o futuro. Ela pode causar problemas no caso dos nostálgicos que não querem se projetar para o futuro. As consequências podem ser doenças como depressão e ansiedade e ainda uma eterna insatisfação.”



Um giro pela história da memória

Em diferentes contextos e do ponto de vista de diversas civilizações tradicionais, a memória é vista de uma forma bem parecida. Para os gregos, ela era uma deusa, que tinha uma relação direta com a história. Uma de suas características era a de lembrar aos seres humanos o seu papel. Para eles, uma sociedade sem recordações está longe de deixar suas marcas. Da mesma forma, os incas tinham na memória um resgate de experiências.

Os anciãos tinham uma excelente memória e guardavam a responsabilidade de passar a outras gerações os ensinamentos, até porque a tradição

desse tipo de civilização era transmitir os conhecimentos oralmente.

No Egito, entretanto, a tradição foi assegurada pela escrita. A filosofia considera que era uma civilização extremamente registradora e quem tinha esse papel eram os "Escribas" (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escriba>), que anotavam desde acontecimentos, passando pelas colheitas – se foram bem feitas ou se foram satisfatórias –, às cheias do Nilo. O professor de filosofia da Organização Internacional Nova Acrópole, Júlio Mesquita, conta que os egípcios tinham uma preocupação em guardar tudo o que acontecia até para passar às gerações seguintes.

"Na verdade, com a memória você também trabalha a questão da conti-

nuidade. Havia, portanto, uma preocupação de grandes civilizações em guardar essa memória, seja de forma oral, seja de forma escrita. Então, as diversas civilizações trabalhavam com a memória como a capacidade de lembrar de coisas para que os erros não sejam repetidos e que as sociedades possam potencializar aquilo que deu certo. Se não temos memória, não teremos história e seremos manipulados tanto individualmente quanto coletivamente. Não podemos abrir mão dessas duas coisas", ressalta Mesquita.



Mnemosine



Escriba egípcio

Onde vamos parar?

Qual o legado das nossas futuras gerações? Hoje há um esquecimento de princípios básicos, virtudes humanas perdidas. Não sabemos se é proposital ou se por um momento histórico, mas o fato é que hoje lidamos com a memória de forma muito aquém do que os nossos antepassados. A memória é fundamental para o indivíduo, para o povo e para a civilização. É uma faculdade do ser hu-

mano. Precisamos desse poder para entender o que é ser humano, resgatar características que são próprias dos indivíduos e, em última instância, dar suporte aos que, de alguma forma, deixaram a memória se perder.

A filosofia relaciona a arte de recordar como uma potência, uma faculdade humana. Um pouco diferente do que relacionamos hoje, como uma questão mental, e o cérebro é um suporte da mente. A memória, porém, é muito mais do que um aspecto mental e muito além do que banco dados. Ela é a vida.

O que é nostalgia para você?

Ouvimos estudantes de psicologia, de diferentes universidades, a respeito do tema. Confira:

Myrella Andrade – 5º período, Universidade Veiga de Almeida

"Estou viajando e isso fez com que eu pensasse bastante no que me deixa nostálgica. Percebi que nostalgia me deixa melancólica e não necessariamente é uma coisa ruim, mas é triste ainda assim. Melancolia é a beleza de estar triste. Em significado, esses elementos me lembram um tempo em que eu sentia que tudo era possível. Sinto saudade de achar que a vida era só uma das possibilidades do que ela poderia ser. Já não é mais assim, infelizmente."

Joyce Almeida – PUC-Rio

"Qualquer memória de algum momento feliz, que me lembre alguma sensação boa, pode me trazer nostalgia. Uma vontade de reviver, resgatar esses momentos, essas sensações."

Letícia Costa – UFRJ 5º período

"Um sentimento bom, que mistura saudade e algo como alegria, não sei bem como explicar, é uma coisa boa que a gente sente quando fala, pensa e vê coisas que lembram algo que já te fez bem. Nostalgia me lembra época de escola e da minha infância."

Karen Salaverry – 3º período IBMR

"Não sei como responder isso. Mas tenho muito carinho e saudade e nostalgia do meu sítio. Tudo de lá. Ele me dá nostalgia. Passar na rua onde ele ficava e também minha avó morava. Mais específico que isso só se eu disser uma música do Queen!"

[illegible]

Nem sólido que se desmancha no ar, nem líquido. Com o mundo cada vez mais digital, vivemos entre o estado físico e

Se, hoje, ferramentas digitais





pacidade de alocar lembranças, gerando um volume maior de dados – ganham força, a capacidade do cérebro de fazer associações pelo sentidos ainda é a mais segura das “mídias”, a mais valorizada e a de melhor qualidade. Até que ponto precisamos ir a um museu para sermos apresentados a passados que dizem respeito a nossa própria identidade?

Assim como os mais pessimistas atribuem às novas tecnologias um *status* inferior, a Geração Y – dos Millennials ou simplesmente dos nativos digitais – desenvolveu uma nostalgia de passados mais recentes, marcados pelo uso de determinadas plataformas e serviços que hoje já vêm sendo substituídos. O Orkut (a rede social que se popularizou no país antes do Facebook), por exemplo, já traz inúmeras recordações aos jovens nostálgicos. Mesmo com uma rápida substituição do antigo pelo novo, o apego ao que passou permanece. Colecionar itens como álbuns de figurinhas, videogames ou revistas em quadrinhos é um hobby para muitos adultos, inclusive.

Enquanto a revolução digital – num contexto em que só grandes empresas sobrevivem e a maioria deve se adaptar às inovações – ameaça o paraíso de um cinéfilo, frequentador de circuitos de arte, de cinemas de rua, entusiastas e

defensores do fruir nas salas de cinema e do flunar nos corredores repletos de estantes com discos sempre vão existir. Não importa se fotografias são tiradas a esmo com câmeras digitais e depois guardadas num disco rígido com um volume grande de informações salvas. Sempre terão aqueles que vão reconhecer o valor por trás de cada lembrança. Não são somente colecionadores de “quinquilharias”, dispostos a gastar altas quantias por objetos considerados pela maioria como obsoletos.

Cinéfilo, o jornalista e roteirista Rodrigo Goulart, de 33 anos, vai ao cinema ao menos uma vez por semana e coleciona os ingressos. Quando o cinema frequentado por ele anunciou que corria o risco de ser fechado, os tíquetes de papel viraram um souvenir, um símbolo da resistência de um núcleo da sétima arte em tempos em que filmes são vistos e baixados pela internet. São cerca de 700 entradas:

– Comecei a guardar intencionalmente, porque sempre gostei muito de ir ao cinema, e planejava desde aquela época fazer um grande quadro ou painel com todos eles, ou pelo menos, dos que considero mais importantes, o que “me representaria” de alguma forma. Ainda não fiz, mas estou perto. Coleciono só os que representaram os filmes mais

marcantes que vi – conta Rodrigo.

O analista de sistemas, Maurício Bomfim, de 53 anos, desde os 14 é apaixonado por coleções. Hoje, ele tem três tipos diferentes: a primeira é a clássica com selos comemorativos emitidos pelo Brasil desde 1900, a segunda são revistas temáticas sobre peixes de aquário e outra sobre a história da Astronomia. Esse hobby acabou passando de pai pra filho. Tomás, que é filho de Maurício, também guarda, junto com o pai, as camisas do Fluminense, desde o ano de 2002.

Nostalgia e memória na história

Ao mesmo tempo em que se recorre à tecnologia, a aparatos externos ao corpo, como um repositório essencial de dados para a vida, delegando a ela a função de memorizar por nós, criou-se um mercado de massa da nostalgia (sentimento que parte da falta de algo já vivido). É o que aponta o autor de *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, Andreas Huyssen. Para ele, desde 1970, é possível detectar o *boom* das modas retrô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional e o crescimento de romances autobiográficos e históricos pós-modernos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. À memória contemporânea, que anda um pouco desgastada, lançam-se acusações. O gosto por cópias, re-





Destaque na edição do Guinness World Records 2010 Gamer, a coleção de Pokemon de Lisa Courtney inclui 12.113 itens

apresentações e *remakes* é uma de suas características.

De acordo com o historiador Leonardo de Carvalho Augusto, professor da PUC-Rio, a discussão sobre a memória vai além do viés histórico. Vista também como um palco de disputas políticas, ela é uma matéria-prima para a mídia:

– O discurso sobre a memória não precisa dizer respeito necessariamente uma política da memória ou uma disputa pela memória. A memória se tornou um dos temas mais importantes, inclusive para a mídia. Quem hoje mais produz conhecimento sobre a memória é a mídia. Ela se tornou também uma matéria-prima das mídias, das pautas, dos veículos de comunicação. Não se sabe se isso é feito para desviar as atenções do que acontece no presente: se o noticiário decide falar de memória para não mostrar ou ilustrar algo que está acontecendo no momento ou se é simplesmente para ser o detentor desse discurso mais autorizado sobre a memória – afirma o historiador.

Leonardo ressalta que, a partir dos anos 1980/1990, a memória se tornou uma preocupação central para os historiadores e para as sociedades que passam por uma reavaliação do seu passado recente. No caso do Brasil, o cenário estaria destacadamente ligado a uma reavaliação de eventos históricos relacionados ao período da Ditadura Militar, de 1964 a meados dos anos 1980. Não à toa que, em ocasião dos 50 anos do Golpe Militar de 1964, neste ano, diversas publicações foram lançadas sobre o período ditatorial no país, além de exposições, que trazem à tona um “passado que não deve ser esquecido, para nunca mais ser repetido”.

Huyssen confirma a emergência dos discursos sobre memória no começo da década de 1980, na Europa e nos Estados Unidos, impulsionados por debates em torno do Holocausto. No entanto, não se deve surfar em qualquer onda aparente de memória. “Não se deve contrapor o museu sério do Holocausto a um parque Disneyficado”, alerta o teórico.

Autor de *Os superficiais: o que a internet está a fazer aos nossos cérebros*, publicado em 2012, Nicholas Carr critica a influência da internet sobre a capacidade de guardar conhecimento. A rede trouxe o esquecimento, deixando a memória, a imaginação e a criatividade “dormentes”. Para explicar por que certas lembranças não nos deixam, Carr se refere ao processo de apreensão a longo prazo. O que marca a diferença entre o que vamos lembrar e o que vamos esquecer é a atenção empregada no processo de aquisição.

Segundo o autor, na primeira etapa da consolidação de uma memória nascente, qualquer perturbação pode atrapalhar. Quando sobrecarregamos nossa “área de transferência” (como aquela que guarda as informações do “copiar e colar” no computador), a concentração é dificultada. Carr é crítico e defende que a internet dispersa a nossa atenção. Como consequência, as aprendizagens que fazemos e a informação que absorvemos é esquecida, ou seja, não se transforma em conhecimento. Usar o cérebro em vez da máquina exercita o corpo. Nada melhor do que fazer associações de qualidade, duradouras, lembrar de momentos pelos próprios sentidos.

Cinéfilos colecionadores

Eles gostam de contar histórias e gostam muito de assisti-las. Entre os estudantes de Cinema, a moda de colecionar sempre está em alta. São pilhas de CDs, DVDs e outros itens colecionáveis mais inusitados. Aluno do sétimo período de

Cinema na PUC-Rio Julio Napoli, de 21 anos, se considera um colecionador compulsivo de coisas que, para ele, são carregados de valor histórico e sentimental.

Ter utilidade prática não é pré-requisito para a aquisição das peças do acervo do jovem cinéfilo. Além de fitas cassetes e revistas antigas, ele compra até câmeras Super-8 (formato cinematográfico lançado nos anos 1960, que usa filme de oito milímetros de largura) mesmo não sabendo se um dia poderá utilizá-la. Além de DVDs, fitas VHS e CDs, compõem o acervo há mais tempo figurinhas de ação, bonecos e vinis.

– Sempre fui muito nostálgico. Desde criança achava qualquer tipo de passado superior ao presente, nem sei explicar direito o porquê. Mas as pessoas sempre me davam suas velharias já sabendo que eu ia gostar. Não tenho uma enorme coleção, já que meu interesse é muito amplo e qualquer coisa que eu julgue que tenha valor histórico ou pessoal eu compro. Nunca tive muita dificuldade em achar nada já que não vou com nada específico na cabeça. Minha maior coleção é de discos de vinil: tenho cerca de cem. Fui comprando e quando me dei conta já estava precisando de mais espaço – lembra o futuro cineasta.

O primeiro álbum que Julio Napoli comprou foi o segundo CD da banda britânica Queen, lançado em 1974. A aquisição foi resultado de uma negociação com um amigo, que cedeu o disco em troca de uma carteira de outros roqueiros, o AC/DC. Ele lembra que logo que ganhou o disco juntou aos que a mãe tinha guardado, só “para fazer volume”. Depois,



O Guinness reconheceu Pam Barker de Leeds, como o proprietário da maior coleção do mundo de corujas. Ela possui mais de 18.000 itens coruja

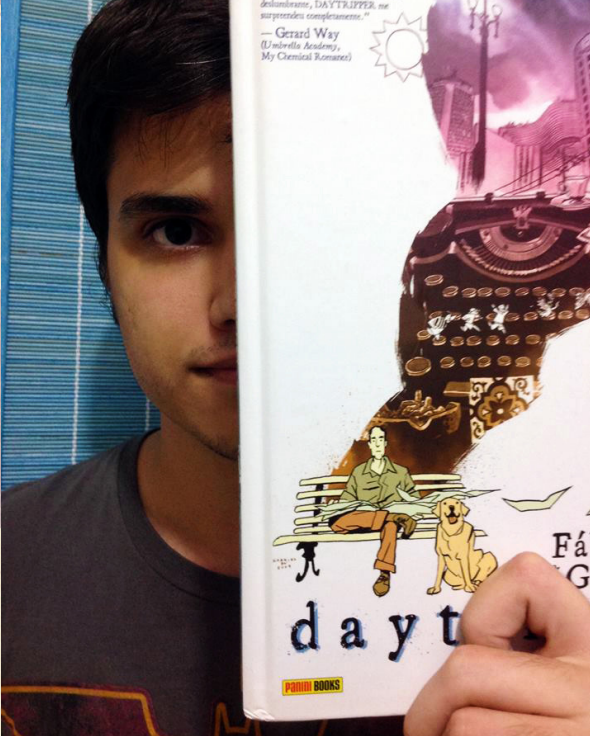
descobriu uma loja de vinil perto da rodoviária da cidade onde morava e passou a comprar seus próprios discos. Recentemente, já morando no Rio de Janeiro, visitou e “garimpoou” relíquias na feira de antiguidades da Praça XV, no Centro, e numa loja de discos em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Entre os itens considerados mais valiosos, estão os da estreia de Madonna (1983); *Thriller*, de Michael Jackson (1982) – que “custou apenas dez reais e não tem nenhum arranhão no pôster” –; *I remember yesterday*, de Donna Summer (1977) – que teria “definido o som eletrônico que está nas pistas até hoje” –; compilações de trilhas sonoras e até trilhas de jogos de fliperama. Os álbuns que contém suas músicas preferidas – como *Purple Rain*, do Prince (com a canção título), *Mistaken Identity*, de Kim Carnes (com a canção Bette Davis Eyes), *Play Deep*, do The Outfield (com Your Love) ou *The Joshua Tree*, dos irlandeses U2 (com With or Without You) e a trilha sonora do filme *Os Embalos de Sábado à Noite* – são os itens

considerados por Julio como mais valiosos, embora tenham custado de R\$ 5 a R\$ 15:

– Essas obras mostram muito do que fez sucesso na época. Os álbuns que com as minhas músicas favoritas de todos os tempos tem grande valor sentimental. O fato dos discos serem usados só deixa o item cada mais únicos. Tenho um disco do Prince que veio cheio de recortes de matérias de jornal sobre o cantor, e achei isso demais, um material extra que prova que aquilo pertenceu a um fã de verdade. Saber que o disco teve toda uma história até chegar nas minhas mãos vale muito pra mim – resalta, orgulhoso de garimpar “verdadeiros clássicos” por pouco dinheiro, enquanto obras como as dos Beatles e do Led Zeppelin chegam a custar, em média, R\$ 300.

Lucas Raiol, também aluno de cinema, 22 anos, tem aproximadamente 1500 quadrinhos, 500 CDs e uma coleção de 12 vinis recém-iniciada após uma viagem a Londres que inclui um exemplar de edição limitada – com



Otávio Pinto coleciona Comics e cervejas

500 cópias no mundo inteiro –, de *singles* da banda Florence and the Machine. A paixão pela mídia física, por discos compactos, está migrando para o digital, mas ainda resiste:

– Passei por essa mudança das mídias físicas para a mídia digital e me apeguei ainda mais ao apelo físico. Entre 2006 e 2007 que minhas coleções realmente começaram a crescer. Antes eu simplesmente comprava meus quadrinhos para ler e os CDs para escutar. Depois que meus amigos começaram a vender e se desfazer de seus quadrinhos, CDs, DVDs, fitas e livros, eu vi que minha coleção tinha muito valor emocional e eu não conseguia me desfazer das minhas. O próprio vinil hoje em dia é produzido para esse nicho de mercado que possui grande demanda.

Os primeiros itens da coleção de CDs foram a trilha sonora do filme *Rei Leão*, o quadrinho *Longo Halloween* do Batman e revistas da Turma da Mônica. Mas a peça que tem maior valor

sentimental é um álbum de figurinhas:

– De todas as coleções, o meu item preferido é o box *Slave To The Dark*, da banda Iced Earth, por ele ter uma aparência única: cada CD é uma réplica de vinil. Mas o item com maior valor emocional é um dos que não vem de nenhuma dessas coleções. É o álbum de figurinhas da Copa de 1994, que colecionei com meu avô. Nunca pensei no valor financeiro. Sei que tem alguns itens da minha coleção que valem algumas centenas de reais, principalmente por serem edições muito limitadas e importadas.

Já com os quadrinhos, ele tem um cuidado todo especial, tanto na manutenção quanto no armazenamento.

– Meus quadrinhos ocidentais ficam guardados em plásticos especiais para eles e do tamanho exato. Eles ficam no meu armário que, infelizmente, passou por uma “fatalidade” em janeiro. Antes eu dividia em prateleiras e eles ficavam em pé, divididos por editora, dentro de editora, por ordem alfabética de título e, dentro disso, por ordem de lançamento. Em janeiro, as prateleiras cederam ao peso e agora estão empilhados deitados, um em cima do outro – um caos que estou tentando resolver o mais rápido possível – conta.

Outro aficionado por quadrinhos é o estudante de publicidade, Otávio Pinto, 21 anos, que começou sua coleção para alimentar a paixão antiga por super-heróis. Além dos *comics*, o estudante também possui uma coleção de cervejas:

– Creio que em ambas as co-



Coleção de quadrinhos de Lucas Rayol

leções o maior valor sentimental recai nos primeiros exemplares de cada uma. No caso das cervejas, tudo começou com uma garrafa de Duff a cerveja dos Simpsons, e que eu encontrei por acaso em um posto de gasolina perto da minha casa. Já no caso dos quadrinhos, é um pouco mais complicado, tenho um grande afeto pelo trabalho de artistas brasileiros como o *Valente* do Vítor Cafaggi e *Monstros* de Gustavo Duarte, mas também tenho um lugar especial na minha estante para os primeiros quadrinhos que eu comprei: Batman #1 e Lanterna Verde #1, ambos dos novos 52.

Otávio diz que prefere não fazer contas, quando o assunto é o quanto ele gasta em suas coleções:

– Com as cervejas, gira algo em torno de 200 reais, porque muitas das garrafas que eu tenho, foram presentes da minha namorada. Já nos quadrinhos, eu evito fazer as contas pra não me assustar, mas muito provavelmente já ultrapassei mil reais. ✱

Brincadeira de criança

Quantas vezes já acordamos com saudades de tempos que não voltam mais? Existem momentos que queríamos apenas reviver aquela nostalgia que bate das coleções de infância? Figurinhas, selos, tampinhas... são muitas lembranças recheadas de saudade e que nunca saem da nossa memória. E, por isso, separamos dez brinquedos que fizeram sucesso com as crianças na década de 1990, porque afinal de contas, recordar é viver

1 – Tamagotchi

Quem nunca cuidou do bichinho virtual mais badalado da época, não sabia o que era responsabilidade! Para mantê-lo “vivo”, era necessário dar comida, banho, carinho... E tudo na hora certa! Lançado em 1996, ele foi uma revolução nos brinquedos da época, tanto que acabou virando personagem de desenhos animados alguns anos depois.

2 – Gameboy

Em 1989 era lançado o game boy, o novo portátil da Nintendo, que era simples, eficiente e barato. Mas o auge do joguinho foi em 1998 com o surgimento do Gameboy Color. O aparelho fez tanto sucesso que a Nintendo resolveu lançar o Gameboy Color: Pikachu Edition, referente ao desenho Pokémon que fazia grande sucesso na época.

3 – LEGO

O brinquedo surgiu numa pequena empresa familiar na década de 1930. E o jogo, que faz jus ao nome, que significa “brincar bem”. Ele existe em cerca de 140 países e é líder mundial do segmento de crianças de três meses aos 16 anos de idade. Hoje os jogos do LEGO têm vários temas, como Harry Potter, Star Wars, Senhor dos Anéis e super-heróis da Marvel e da DC e Os Simpsons.

4 – Patinete

Sendo mais fácil, leve e “portátil” que uma bicicleta, o patinete já foi o sonho de consumo de muitas crianças. Quando surgiu na década de 1960, ele era quase feito artesanalmente, com madeira e rodas de borracha. A partir da década de 1990, surgiram as versões mais modernas, feitas de alumínio e as rodas de material sintético.

5 – Barbie

Mesmo sendo atemporal, a Barbie é a boneca que fez mais sucesso no mundo por várias gerações. E além da própria boneca, há também várias outras coisas que

deixam a brincadeira muito mais divertida, como o carro, o cavalo, a bicicleta e é claro, a casa dos sonhos da Barbie.

6 – Action Figures: Power Rangers

Direto da televisão para o mundo dos brinquedos, os Power Rangers faziam muito sucesso entre as crianças da época. Os bonecos, além de dinâmicos, pois mexiam as articulações, também se transformavam, tendo a versão “adolescentes normais” e “Power Rangers morfador”!

7 – Vídeo Games

Os vídeo games sempre foram a paixão das crianças desde o lançamento. Na década de 1990 a Nintendo tinha no mercado consoles como o Super Nintendo e o Nintendo 64 que faziam grande sucesso, principalmente pelos jogos do Super Mário. Na mesma época, a SEGA lançava o Mega Drive, para competir diretamente com os produtos da Nintendo. Dentre os jogos de maior sucesso está a série Sonic the Hedgehog.

8 – Tazos



Os tazos foram uma verdadeira febre nos anos 1990. Existem vários tipos de tazos: voadores, master-tazos, metalizados, reflexivos, spinners (tazos que se transformam em peões), e muitos outros. Os tazos eram artigos promocionais dos salgadinhos da Elma Chips e vinham com vários temas diferentes, como Looney-Tunes, O Máskara e Dragon Ball Z.

9 – Discman

Muito antes dos mp3, mp4 ou iTunes, quem reinava soberano era o Discman. Vindo logo depois do Walkman ele trazia um grande diferencial: além das rádios FM, agora era possível ouvir CD's com as músicas favoritas de cada um.

10 – Ioiô

Por mais que o ioiô seja um dos brinquedos mais antigos do mundo, ele ainda estava em alta no final do século XX. E por mais que muita gente acabe se enrolando, todo mundo gostava – de pelo menos arriscar – uma manobra.

Eleto Retrô

Algumas lojas apostam na moda retrô para chamar a atenção do público. Sempre com um toque moderno, elas acabam chamando a atenção para os detalhes, as cores, e as formas, dos objetos que no passado, fizeram a cabeça de todos.

Lojas como a Imaginarium não têm apenas uma coleção, mais várias peças, que variam de porta-retratos em forma de televisões antigas, até rádio-relógios despertadores.

Já a Brastemp, lançou uma coleção inteira que traz à memória as peças de antigamente.



Não sou **velha**, sou **vintage!**

CARLOS VERÍSSIMO E GABRIEL PINHEIRO

Em um período em que a tendência da sociedade é abandonar histórias e memórias, olhar para o passado ganha importância. No mundo da moda, isto não é diferente. Revisitar determinados períodos é uma constante no universo *fashion*. Nomes como Vivienne Westwood e Alexander McQueen são conhecidos por buscarem referências e conceitos no que já passou. Assim como estes grandes estilistas, aficionados pelo mundo das passarelas colecionam, criam e reconstroem uma memória particular através de seus estilos. Como por exemplo, o vintage e o retrô.

Retrô X Vintage

Em 1960, ainda não se falava do vintage. A tendência do momento era o “retrô chique”: uma tentativa nostálgica de recriar o passado visto através de olhos contemporâneos. Esta *retromania* foi a convergência de pilhagens culturais do sótão da vovó. Hoje em dia, algumas lojas apostam em setores retrôs. Camisas com estampas inspiradas em décadas passadas – *pop art*, filmes e *cartoons* antigos - vestem os manequins. O retrô já movimenta o mercado contemporâneo há algum tempo. Objetos de decoração e até mesmo eletrodomésticos que utilizam a tecnologia atual são produzidos com *design* de décadas passadas. Porém, para a *designer* e professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, Silvia Helena, o consumidor nem sempre enxerga estes produtos como retrô. “Às vezes, o consumidor ao usar uma *legging* com uma camiseta grande de estampa *rocker* não os considera retrô. Isso porque este estilo está muito próximo do presente para que ele se sinta consumindo esta *retromania*. Talvez, se fosse um vestido de bolinha com uma saia mais



Faye Dunaway e Warren Beatty dão vida a Bonnie e Clyde

estruturada ele enxergasse como algo do passado. Existe um valor simbólico naquilo que é consumido e percebido como retrô, mas que nem sempre é evidenciado.”

O interesse por um estilo de vida diferente fez com que os grandes produtores de moda do setor passassem a vasculhar os mercados de antiguidades em busca de tesouros originais feitos a mão. Estilistas de celebridades começaram a visitar lojas especializadas em busca de peças que dariam a seus clientes um visual único. Comerciantes passaram a dar mais valor à segunda vida das roupas e o vintage, como conceito, foi introduzido no sistema mais amplo da moda.

Se for classificado de maneira técnica, o vintage é reutilizado. São as peças encontradas nos bre-



Hoje, os brechós são sinônimos de sofisticação

chós, ou seja, de segunda mão. Alguém que utiliza peças originais de um determinado período e as incorpora ao vestuário na atualidade, é uma pessoa que faz uso deste estilo.

O vintage rendeu fortunas no início do século passado. Em 2010, a organização de estilistas britânicos, a British Fashion Council (BFC), anunciou os desfiles “Future Vintage” em um festival de roupas em Goodwood, no sul da Inglaterra. Por lá, é comum encontrar feiras vintage onde roupas, acessórios e outros itens são classificados por décadas. O evento da BFC promoveu talentos promissores que, segundo eles, seriam valorizados em décadas futuras. Eles estavam certos.

Conceito de tempo para a moda

O conceito de tempo para a moda, por muitos aspectos, é complexo. A indústria têxtil produz com longos períodos de antecedência em relação ao lançamento. Existem pesquisas que são realizadas 10 anos antes do produto entrar no mercado de uma maneira massiva. A *designer* Silvia Helena também trabalha com *branding* de moda – logos e marcas de roupas – e explica que quem trabalha no segmento de indumentária sente a premência do calendário. “Já estou fazendo pesquisas para 2016. As pessoas falam de um pas-

sado muito recente. Às vezes, ainda estamos absorvendo determinada coisa, ela já se foi e nós já a estamos trazendo de volta. Não conseguimos nem sentir que estamos olhando para trás.”

A professora exemplifica o conceito de tempo para a moda ao falar de um marco para o mundo *fashion*. “Tem um momento que é decisivo para a moda que é o *New Look* do Dior. Depois da Segunda Guerra Mundial, ele muda a silhueta feminina que estava pesada e dura. Eram tempos de guerra. Dior transforma a mulher de novo em uma mulher glamorosa. Então fala-se da volta do feminino e a volta do sonho.

O estilista francês Christian Dior estava inspirado no século XIX, no auge do Romantismo, na década de 1860. Dior estava no final da década de 1940, em 1947, produzindo e se inspirando no auge do Romantismo. “Hoje quando se fala em *lady like*, que é a silhueta Dior, se pensa numa coisa que Dior criou em 1947, enquanto olhava para o século XIX,” conclui Silvia.

Brechós: do lixo ao luxo

Segundo a definição da enciclopédia de moda escrita por Georgina O’Hara Callan, brechó é uma loja onde é possível encontrar roupas e acessórios de segunda mão a preços acessíveis. Bibliogra-

Christian Dior



fias especializadas em história da moda indicam que foi por volta de 1968, principalmente nos Estados Unidos, que os brechós se desenvolveram. Para o estilista João Braga e para o escritor e jornalista Luís André do Prado, no livro *História da Moda* (2004), a busca de características de outros momentos históricos da moda fez com que os brechós se tornassem verdadeiros focos e referências tanto de pesquisa para criação em série, como para o consumo pessoal.

Hoje, estas lojas ganham força entre as escolhas das fashionistas na hora de montar o guarda-roupa. Para a dona de brechó Marisol Ribeiro, os locais se tornaram uma tendência. “Tanto no Rio de Janeiro quanto em outros estados este comércio faz cada vez mais sucesso não só entre consumidores comuns, aquelas pessoas que compram em *shoppings* e lojas, mas também entre os estilistas. Várias blogueiras já aderiram a essa “modinha” e até famosos, como a atriz Danielle Winitz. O que antes era sinônimo de pobreza, hoje é de estilo.”

A estudante de cinema da PUC-Rio e amante de moda Clara Balbi, de 22 anos, tem uma opinião semelhante a de Marisol. Para ela a recente valorização dos brechós está relacionada à ideia da moda como expressão de originalidade. “Os brechós são lugares onde existe a possibilidade de se encontrar peças únicas que tenham uma relação íntima com a personalidade de cada um. Lá, não se encontra duas blusas iguais. Vai além de uma cadeia de *fast fashion*.”

Marisol, que também tem o próprio blog de moda, o “Hoje eu vou assim vintage”, já fez parte de um brechó *on-line* em uma parceria bem-sucedida com outra blogueira. Ela conta que os compradores foram em sua maioria jovens

universitários, com estilo moderno e descolado que buscavam peças diferenciadas, ousadas e baratas.

Mas o mundo contemporâneo também tem espaço para os brechós sofisticados. O Anexo-Vintage, na Gávea há 9 anos, tem como clientes pessoas de maior poder aquisitivo. As sócias, Lila Studard e Carla Pádua afirmam que as peças são diversificadas e selecionadas. Bolsas Louis Vuitton, conjuntos Yves Saint Laurent, vestidos e camisas Pucci fazem parte do acervo do lugar. “O preço é um reflexo do tipo de mercadoria que oferecemos. As bolsas são as mais procuradas. Às vezes, algumas figurinistas vêm até nós em busca de peças antigas para compor o vestuário de novelas de época”, pontua Lila.

Vestindo o Vintage

Cliente fiel do Anexo-Vintage, Renata Tocha Brito, acompanha Lila e Carla desde a abertura do negócio. Ela se intitula fã de brechós e o que mais a atrai é a diversidade de produtos atemporais, únicos e originais. “Eu prefiro comprar uma calça Saint Laurent de 20 anos atrás, em perfeito estado, do que comprar uma calça dessas marcas contemporâneas, que vão ter 500 pessoas usando. Porque é aquela manada. Se a moda é estampa de zebra, todo mundo sai de zebra. Então eu opto pelo diferente.”

A blogueira Marisol mistura as peças de segunda mão com as atuais. Para ela, a relação da moda com a nostalgia é uma constante porque tudo que um dia já esteve em alta, quando volta a ser usado, provoca esse sentimento. “O vintage é um estilo alternativo, nostálgico, alegre e cheio de atitude. É uma moda que nunca sai de moda.”

Mas para a estudante de *design*, este estilo nem sempre significa reviver o passado. Marisol defende que para muitas pessoas o que importa é possuir um diferencial, porque em décadas passadas a moda não era tão padronizada como hoje. “Adoro o corte das roupas. O comprimento das saias e as pregas. Me sinto a melhor das mulheres, porque não gosto muito de expor meu corpo. Hoje é muito difícil encontrar um vestido mais comprido, uma bermuda mais comportada e o estilo vintage tem tudo isso.”





Moda, cinema e nostalgia

Na cultura pop, o filme *Bonnie and Clyde* (1967) teve grande influência sob o vestuário. O visual da atriz Fayre Dunaway, que incluía boina, cabelo estilo pajem e suéter fez sucesso nas ruas. A década de 1970 foi marcada por

uma nostalgia caprichosa e pela forte ligação entre moda e cinema. Este último refletiu e influenciou a exploração de estilos de outras épocas por costureiros e estilistas.

Prada

Miuccia Prada captou o sentimento nostálgico do vintage e o reinterpretou a sua maneira contemporânea e minimalista. O que fez da marca uma das mais duradouras e influentes da virada do século XXI.

A proeza da designer é compreender que no vestuário a modernidade pode vir de diferentes fontes.



“Ser vintage é ser original”

A aspirante a cineasta Clara Balbi já trabalhou para blogs de moda e se aprofundou no tema ao fazer um mês de curso de styling no Instituto Europeu de Design e um workshop do RIOetc sobre street style. Segundo Clara, a nostalgia do estilo vintage representa, de certa forma, uma busca pela originalidade. Confira abaixo o que mais a estudante pensa sobre o assunto.

Eclética: O que o estilo vintage representa para você?

Clara Balbi: É uma espécie de “roubo” de silhuetas e de características do vestuário de outras épocas para montar um look novo, exclusivamente seu. Adoro combinar botinhas de camurça dos anos 1980, da minha mãe, com brincos de pressão dos anos 1960, que coleciono, com uma blusa “podrinha” de brechô, mas, ao mesmo tempo, vestir um short de uma marca contemporânea.

Eclética: Você acha que a moda sempre revisita o passado?

Clara: Isso acontece especificamente com a moda atual. Existe uma questão de expressão muito forte nessa busca incessante por visitar e se inspirar no passado. O mais louco da moda atual é esse mosaico de passados que os estilistas montam às vezes em um look só. Por exemplo, ombros dos anos 1980, combinados com mochila do estilo Prada de 1990 e pantalonas inspiradas no movimento hippie. E isso tudo sem ninguém gritar que aquilo não pode. A moda ficou muito mais democrática e por isso voltar ao passado é muito libertário. Quase uma diversão no sentido de reinterpretar estilos.

Eclética: Qual foi o diferencial do vintage que te conquistou?

Clara: Minha relação com a moda é afetiva. Quero que cada detalhe da minha roupa conte uma história. Seja através da bolsa que achei em uma liquidação, da pulseira de camelô que comprei em Barcelona ou do broche que encontrei nas coisas da minha avó. Existe, sim, uma brincadeira muito curiosa que o vintage faz com o passado: reapropriá-lo.



Nostalgia no futebol

ANDRÉ MICHELAS E FERNANDA ROUVENAT

FERNANDA ROUVENAT

No esporte, fenômeno que mexe diretamente com a emoção do ser humano, a nostalgia também tem grande influência e, no Brasil, o futebol parece ser o cenário perfeito para perceber a força deste sentimento.

Para o nostálgico, o antes é melhor que o hoje e, no futebol, acaba criando máximas como: “O futebol de antes era mais técnico”; “Os craques de agora não teriam lugar nos grandes times do passado” ou “As Copas antigas eram mais bem jogadas”.

A geração que viu Maradona jogar não admite a possibilidade de Messi superá-lo, que Ronaldinho Gaúcho possa ter sido tão bom driblador quanto Garrinha, que um zagueiro tenha a mesma categoria de Franz Beckenbauer ou que existam goleiros do nível de Yashin (ex-goleiro da URSS).

No futebol vemos a continuação de ídolos e heróis que permanecem como referências. Cada época é marcada por um deles. Quando saem de cena são lembrados pelos mais nostálgicos. E, por mais que possam ser superados em campo, conquistaram um lugar especial no imaginário popular que dificilmente será perdido e, no fim das contas, tornam-se uma preferência pessoal do torcedor de futebol.

Comparações entre jogadores



Gabriel Camargo usa a camisa do Flamengo de 1995

de épocas diferentes serão sempre repletas de subjetividade, assim como as conclusões. Defensores do futebol de antigamente argumentam que na época o jogo era mais difícil, que times

e jogadores eram melhores, que o material esportivo e o estado do campo ajudavam menos os atletas e a ausência dos cartões permitia aos defensores abusar da violência. Do outro lado, ar-

gumenta-se que o futebol atual exige mais preparação física por ser mais corrido e que, portanto, destacar-se tecnicamente é mais difícil. Além disso, é comum o argumento de que, no futebol moderno, os gols são mais raros, o que amplifica seu mérito.

Se deixarmos a nostalgia de lado, fazendo uma análise racional, fica difícil acreditar que a seleção de Portugal de 1966 deixaria de fora um craque do calibre de Cristiano Ronaldo. Poucos atacantes do passado foram tão eficientes quanto o atual camisa 7 do Real Madrid. Um ataque formado por Eusébio – craque português entre os anos 60 e 70 –, e Cristiano Ronaldo seria um tormento ainda maior para os adversários.

Será que a Argentina de 1986 deixaria Messi de fora para ter Valdano e Burruchaga como parceiros de Maradona? Seria um pouco menos complicado para o genial Maradona ganhar a segunda Copa para Argentina trocando um dos dois pelo quatro vezes melhor do mundo, Lionel Messi.

No Brasil, vamos ao celebrado time de 1970. Ronaldo e Romário, dois atacantes históricos, não teriam chance naquele time? O próprio Tostão, camisa 9 da seleção tricampeã no México, já disse que Romário jogaria no seu lugar. Quem duvida do ex-craque do Cruzeiro?

Muitas vezes, eventos do passado são exaltados não por sua qualidade, mas porque foram vividos intensamente. No futebol, é comum a aclamação por jogadores do passado que muitas vezes são superados pelos novos astros do futebol.



Figurinhas da Copa do Mundo de 2014

Saudade de um tempo não vivido

Gabriel Camargo também é um nostálgico pelo futebol. O estudante e torcedor do Flamengo Gabriel Carmago, de 20 anos, também é um nostálgico pelo futebol. Apesar da pouca idade, Gabriel parece sentir saudade de um tempo que não viveu.

“Mesmo não estando lá, às vezes sinto que presenciei essa época. Desde pequeno meu pai falava do Zico, do time de 1981 e, assistindo os jogos no Youtube ou reprises na televisão, tenho a sensação de que eu perdi uma época que não volta mais”.

Em busca desse tempo perdido, o jovem coleciona camisas antigas de times de futebol.

“Eu costumo comprar camisas de coleções retrô, além de usar as que meu pai comprava na época. Acho que elas são mais bonitas e não têm tanto patrocínio estampado como nas de hoje.”

Esse fenômeno é vivenciado por muitos. O mercado de artigos esportivos percebeu que a nostalgia do torcedor pode ser um grande negócio. Segundo pesquisas, a Alpargatas, dona das marcas Topper e Rainha, viu um crescimento de 18,8% em sua receita com vendas de uma linha retrô homenageando a seleção brasileira de 1982, pegando carona na grande visibilidade da Copa do Mundo. A empresa lançou chuteiras alusivas ao Brasil e camisas remetendo à seleção que ainda vive na memória dos saudosistas.

Em ano de Copa do Mundo, a volta dos álbuns de figurinhas

Tomemos como exemplo o maior torneio de futebol, a Copa do Mundo. A impressão que se tem é que a Copa favorita de qualquer um é aquela que foi acompanhada na adolescência,

O mundial do Brasil tem todos os ingredientes para ser uma grande Copa.

Times competitivos, muitos craques, bons campos para jogo, estádios lotados, todos campeões do mundo presentes e as seleções mais importantes jogando um bom futebol



Estudante completou álbum de figurinhas em apenas 8 horas

com todo o deslumbramento que essa idade traz. À medida que as pessoas envelhecem, as frustrações da idade vão chegando, a saúde deteriora, e o sentimento de um tempo melhor que passou se manifesta. Para alguns, a nostalgia age quase como um remédio antidepressivo, algo fisicamente necessário que traz uma memória saudável para um corpo debilitado.

Com a intenção de guardar as memórias da Copa do Mundo sediada no Brasil, o auxiliar administrativo, Arthur Ribeiro, de 24 anos, resolveu comprar o álbum de figurinhas da Copa, lançado em abril de 2014. Ele acredita que esse mundial deve ser lembrado em cada detalhe.

“Muitos amigos meus estão colecionando e eu resolvi colecionar também. É engraçado, porque hoje em dia não é muito comum ver adultos comprando figurinhas. O futebol mexe com todos os instintos, principalmente quando se fala de seleção brasileira e de Copa do Mundo.

Quando será que nós, brasileiros, vamos ter a oportunidade de ver esses craques jogando ao vivo novamente? Eu quero guardar o álbum com as figurinhas dos jogadores de todas as seleções que vão estar no Brasil, para daqui a uns anos poder mostrar para os meus filhos, meus netos”.

Arthur Ribeiro não é único. Andando pelos corredores da PUC-Rio, é possível ver muitos jovens voltando a ser criança. Nos Pilotis da universidade, jovens combinam de trazer figurinhas para trocar e chegam a discutir sobre as que são brilhantes. “Brilhante vale por duas”, um jovem diz.

Nas redes sociais, é possível ver posts de quem coleciona e quer amigos para trocar figurinhas. Logo aparecem muitos comentários e uma conversa é iniciada para combinar essa troca.

Em São Paulo, um estudante de Educação Física levou ape-

nas oito horas para completar o recém lançado álbum de figurinhas da Copa. Ele diz que os álbuns de futebol já fazem parte da vida dele desde 2006, quando colecionou o álbum do Mundial da Alemanha.

O mundial do Brasil tem todos os ingredientes para ser uma grande Copa. Times competitivos, muitos craques, bons campos para jogo, estádios lotados, todos campeões do mundo presentes e as seleções mais importantes jogando um bom futebol. O “maracanazo”, maior vitória da história do futebol sendo lembrado, grupo da morte com três campeões do mundo e possibilidade de Brasil contra Espanha ou Holanda logo nas oitavas. Além disso, o duelo entre Cristiano Ronaldo e Messi pelo posto de melhor do mundo, chega ao melhor campeonato de futebol. Essa pode ser mais uma Copa para ser lembrada durante muitos anos pelos nostálgicos pelo futebol. ✨



America Futebol Clube: qual o tijucano que nunca ouviu falar?

Aluizio Alves é professor de Mídias Globais da PUC-Rio, tijucano e torcedor do America Futebol Clube. Em tempos de competitividade entre os quatro grandes times cariocas, Aluizio ainda faz questão de torcer para o time de sua origem

Eclética: Você ainda tem o costume de ir aos jogos do America?

Aluizio Alvez: Assisto a todos os jogos. A diferença é que, quando eu era garoto, eu frequentava muito o estádio. Mas hoje, quando eu quero ver algum jogo do America, é lá na Baixada Fluminense e o time também quase não joga. O futebol, em geral, eu acabo vendo na televisão.

Eclética: E como você começou a torcer para o time?

Aluizio: Na minha família, muita gente é America, porque eu sou de uma família tijucana. O primo da minha mãe, o Oswaldinho, que foi um dos maiores jogadores, campeão pelo America em 1935, era um dos maiores mitos do time e eu o conheci quando era garoto. Então eu tive uma grande influência da minha família. O meu pai era médico do America, torcia pro

America e, quando eu era mais novo, ia com ele assistir os jogos. Eu nasci America.

Eclética: E hoje, como é torcer para um time tradicional do Rio de Janeiro que não tem visibilidade?

Aluizio: É uma coisa muito difícil, meio frustrante. Porque você sempre fica na esperança de que o time vai renascer. Infelizmente, eu vejo que a probabilidade é muito pequena, porque o America, hoje em dia, tem muitos problemas. Ele foi muito mal administrado. Era uma sede na Tijuca, um clube social que tinha uma frequência muito grande. Eles destruíram aquilo e levaram o clube lá para um lugar que eu nem sei chegar direito. E, hoje em dia, o futebol está muito profissionalizado e é muito caro manter um time. Como o America não tem uma grande torcida, não tem retorno. Assim, ele fica numa situação muito difícil. Eu costumo escutar muita gozação por causa do meu time.

O passado em um clique

A fotografia e as transformações da sociedade

JANE MUNDIM



Jane Mundim, aos 10 anos de idade, com sua família em Minas Gerais

BEATRIZ PESTANA E CAMILE ARAÚJO

A fotografia nos permite viajar no tempo. Funciona como uma ponte para o passado. Não importa a época em que foi tirada, a foto sempre nos ajuda a resgatar na memória as emoções vividas naquele instante. Como em um clique, somos levados ao momento em que a foto foi tirada e nos pegamos nostálgicos tentando reviver aquilo que agora só está na lembrança.

Como não associar fotografia à nostalgia? Ambas são aliadas e uma não se desvincula da outra. Não tem como olhar para uma foto e não lembrar do momento em que tudo aconteceu e, no exato instante em que o flash foi disparado. Esse senti-

mento mexe com emoções e lembranças de tempos que não voltam. Por isso, a fotografia é tida como uma mistura do passado e do presente, e é através dela que as lembranças não morrem e não correm o risco de cair no esquecimento.

O ato de fotografar faz parte da vida das pessoas e se torna ainda mais constante em ocasiões especiais, como viagens e aniversários. Não ter uma foto para relembrar um momento importante é como se faltasse um pedaço da história. A estudante Paula Nascimento, de 17 anos, ganhou uma viagem para a Disney como presente de seus 15 anos e registrou cada instante marcante com uma câmera. No entanto, ao chegar ao Brasil, a adolescente entrou em pânico ao perceber que ti-



Jane Mundim em dois momentos com sua filha caçula: no colo, no ano de 1973 e abraçada a ela em 2013

nha esquecido a máquina no quarto do hotel.

“Eu fiquei muito triste quando percebi que não tinha mais as fotos da viagem. Não podia mostrá-las para meus pais, irmãos ou amigos. Não tinha nem foto para postar no Facebook. As poucas imagens que tenho hoje são as que tirei com a câmera de uma amiga. Chorei muito, mas nada mudou o fato de não ter mais as minhas fotos.”

Para a estudante, o fato de ter perdido as fotografias atrapalhou o desfecho da viagem. Sem elas, é como se faltasse um pedaço de sua lembrança. Isso mostra como a imagem é tão valorizada hoje em dia. Não ter um momento da vida registrado gera um sentimento de perda nas pessoas. É como se a memória do momento vivido não fosse suficiente. Nesse sentido a foto seria o único objeto capaz de eternizar o momento.

Há 83 anos a fotografia faz parte da história de Jane Mundim. Ao longo de sua vida, a aposentada acompanhou o desenvolvimento dessa tecnologia. Aos 80 anos teve o primeiro contato com uma câmera digital e admite seus benefícios, embora ainda prefira ter a imagem revelada no papel.

“Eu não gosto de sentar no sofá e ver as fotos no computador, acho que você perde até o interesse. Sem contar que muitas vezes essas fotos ficam

esquecidas, enquanto a foto impressa você pode tocar e sentir sempre que dá saudade daquele momento. É muito mais fácil pegar o álbum para ver as fotos na hora que quiser do que ficar dependente de uma máquina.”

Em preto e branco, colorida, no papel ou digital, o fato é que a fotografia nos faz lembrar momentos da vida, sejam eles bons ou ruins. Porém, essa lembrança deve ser encarada de forma saudável. Para a aposentada, ao ver uma fotografia, somos reportados àquela época em que ela foi tirada.

“A fotografia não deve ser vista de forma retrógrada, esse saudosismo exagerado tem que ser cortado. Nostalgia quando é mal dirigida causa sofrimento. A memória tem que ser alegre, mesmo que o momento vivido tenha sido doloroso. Ao ver uma foto me sinto feliz, os momentos que você revê são um alimento para a alma.

Instagram: um aplicativo para compartilhamento instantâneo de fotos

Com o avanço da tecnologia os equipamentos fotográficos ficaram mais acessíveis para a população. Dessa forma, a cultura de registrar fatos do dia a dia se difundiu. Com a chegada das máquinas digitais,



Fotos do Instagram
de Affonso Araújo

PROF.
WEILER
FINAMORE



ficou ainda mais fácil ter e manusear uma câmera. Agora, o usuário que não domina técnicas de fotografia pode utilizar as configurações automáticas do equipamento.

O desenvolvimento das câmeras em aparelhos celulares facilitou ainda mais a vida do consumidor. A possibilidade de ter sempre este conjunto de tecnologias integradas e à disposição do usuário permitiu um maior registro e compartilhamento de imagens. Atualmente, aqueles que querem fotografar estão sempre com uma câmera na mão.

Com a praticidade de tirar fotos com o celular, a captura de imagens ficou cada vez mais frequente. As pessoas passaram a fotografar não apenas para eternizar um momento importante, mas também para divulgá-los em redes sociais. O Instagram, por exemplo, lançado em 2010, é um dos aplicativos mais populares desse segmento. Ele permite que o usuário fotografe e compartilhe imagens e vídeos com uma rede de amigos virtuais.

Segundo reportagem da Revista Veja Rio, publicada em 23 de outubro de 2013, o Instagram conta com mais de 150 milhões de usuários e 16 bilhões de imagens em seus servidores. Ainda segundo ela, cerca de 270 mil participantes ingressam nessa rede a cada dia. O Brasil está entre os países onde o dispositivo se expande com vigor. O Rio de Janeiro, por exemplo, tem lugar de destaque no volume de imagens postadas por cariocas ou turistas que fazem questão de exaltar as belas paisagens da cidade.

Para a estudante de relações internacionais Juliana Bayeux, 21 anos, esse aplicativo de fotos instantâneas permite que a pessoa interaja e fique por dentro de tudo o que acontece na vida dos amigos. Para ela a publicação de fotos deve ser feita diariamente, já que a cada minuto milhares de novas imagens são postadas.

“O Instagram é uma rede social muito dinâmica, se você não postar todo dia cai no esquecimento. O mais legal pra mim é poder colocar

fotos das diferentes coisas que eu faço a cada dia. Antes de começar a usar o aplicativo não tinha o costume de fotografar todas as minhas atividades. Hoje não fico nem um dia sem tirar pelo menos uma foto, garante a estudante.”

Para o professor de Fotojornalismo da PUC-Rio Weiler Finamore, criou-se um hábito de fotografar tudo a todo tempo. Uma necessidade imposta pelo avanço das tecnologias e por uma nova lógica de mercado, onde a fotografia é utilizada para expor a vida dos usuários, como uma espécie de vitrine. Ele acredita ainda que as pessoas estão mais preocupadas em divulgar uma imagem do que em registrar um momento.

“Se você deixar a proposta que está hoje no século XXI tomar conta dos seus sentidos, você vai banalizar. No final você é que tem que ser seletivo. Não estou dizendo que você não pode tirar várias fotos, mas é necessário saber selecionar aquilo que de fato te toca.”

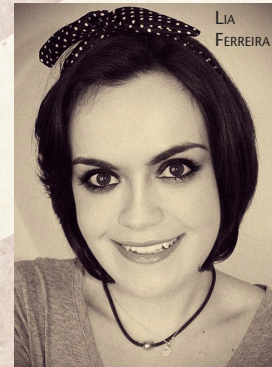
O processo de banalização da fotografia foi influenciado pelo volume de imagens que se tem hoje em dia. Para o professor, isso pode fazer com que a pessoa perca um pouco da sensibilidade em relação à fotografia. Com uma câmera no celular, qualquer um vira fotógrafo, no entanto, fazer uma foto não é apenas apertar um botão e capturar uma imagem. É necessário dominar técnicas como enquadrar, ajustar luz, foco, mas principalmente saber o que você quer transmitir com aquela foto. Portanto, a criatividade e o olhar de quem opera a máquina é o que de fato faz a diferença. ❄



Uma câmera na mão e mil histórias para contar

O retrato da vida de uma fotógrafa apaixonada pela arte

A fotógrafa mineira Lia Ferreira, 23 anos, é estudante de Jornalismo da PUC-Rio e acumula três empregos diferentes, é editora do Portal PUC-Rio Digital, editora-chefe do Portal Vero e colunista da revista Foco Livre. Para sobreviver ao caos da modernidade, ela se expressa através da arte literária e fotográfica. Integrante da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, Lia acredita que a fotografia social e ligada ao meio ambiente tem a função de alertar a população quanto às questões de sustentabilidade. Com objetivo de buscar novas oportunidades para a vida profissional e inspirada pelas belas paisagens da cidade, a estudante mudou-se para o Rio de Janeiro há cinco anos. A fotógrafa acredita que a cidade maravilhosa é um dos lugares mais encantadores para exercer tal profissão. Confira abaixo tudo o que Lia pensa sobre fotografia.



Eclética: Qual a sua relação com a fotografia?

Lia Ferreira: A minha relação com o universo fotográfico é natural e essencial tanto quanto caminhar. Aos sete anos ganhei minha primeira máquina fotográfica. As fotos ficaram todas borradas e eu não entendia muito bem os conceitos de luz. Era uma câmera analógica amarela, bastante leve e diferenciada para a época. Apesar dos erros e fracassos, o mundo inteiro se abriu quando pude lê-lo através da fotografia. Quantos detalhes passam despercebidos, mas que são emoldurados e detalhados numa foto. Fotografar sempre foi um ato de curiosidade e ousadia, pois afinal, quem consegue parar o tempo? A fotografia tem, dentre muitas outras, tal função.

Eclética: Que tipo de foto te traz nostalgia e faz você relembrar momentos marcantes?

Lia: Para mim a máquina do tempo já foi inventada: trata-se da máquina fotográfica. Por isso, qualquer detalhe numa foto pode despertar o sentimento de nostalgia: uma peça de roupa da infância, um amigo distante, a presença de um ente querido que já se foi. Todo evento pode ser emoldurado por um clique. Às vezes me pego olhando os álbuns de infância que já vi tantas e tantas vezes... Há sempre algo novo para revisitar.

Eclética: Em sua opinião, qual é a diferença entre câmera analógica e digital? E a diferença entre foto impressa e no computador?

Lia: Acredito que as câmeras analógicas têm personalidade, desenvoltura própria. Elas carregam uma relação mágica com o fotógrafo. Há algo de artesanal e manual no processo de fotografia analógica que não encontramos no digital. A diferença começa no design particular de cada câmera e vai até a revelação dos filmes. Tudo gera expectativa, pois perder uma foto analógica é também perder tempo e dinheiro. Por isso você precisa pensar bastante antes de produzir qualquer foto. As câmeras digitais, por outro lado, oferecem estabilidade e comodidade. Você pode ver o que faz em tempo real, deletar caso não goste, recomeçar quantas vezes quiser e nem precisa pagar por isso. As cores também podem ser mais vivas e a manipulação digital é mais fácil. É importante observar que as câmeras digitais cada vez mais tentam imitar os efeitos das analógicas. Eu sempre imprimo minhas fotos e monto álbuns físicos, pois o problema em trabalhar apenas no universo virtual é a facilidade com que perdemos as fotos. Muitas vezes, problemas como vírus podem apagar as fotos sem que saibamos. Por isso, eu acho essencial imprimir as fotos, pelo menos as melhores delas, até porque a relação tátil com a fotografia aproxima o fotógrafo do momento retratado.

Eclética: Qual é o papel da fotografia na sociedade atual? Você acredita que houve uma banalização da imagem devido ao grande volume de fotos e a sua utilização nas redes sociais?

Lia: A vida é movimento, transformação, mudança. A fotografia tem o poder de parar o tempo, imortalizar uma cena. Ela valida a memória, funciona como um gatilho para o passado. Hoje nós marcamos nossa existência através da fotografia: se o evento não for fotografado gera até dúvidas de sua existência. Precisamos comprovar que nos encontramos com tal pessoa, que estivemos em tal show, que visitamos tal lugar. E fazemos isso compartilhando fotos nas redes sociais e marcando nossos amigos. Mas isso acontece devido à nossa frágil memória e à necessidade em nos demarcarmos no tempo-e-espaço. A fotografia auxilia o processo da construção da memória, da identificação da essência do outro e da proximidade com o passado, afinal é o espelho para nossa história.

Para mais informações sobre a entrevistada, acesse o site <http://www.liaferreira.com.br/>

Fotos: Lia Ferreira



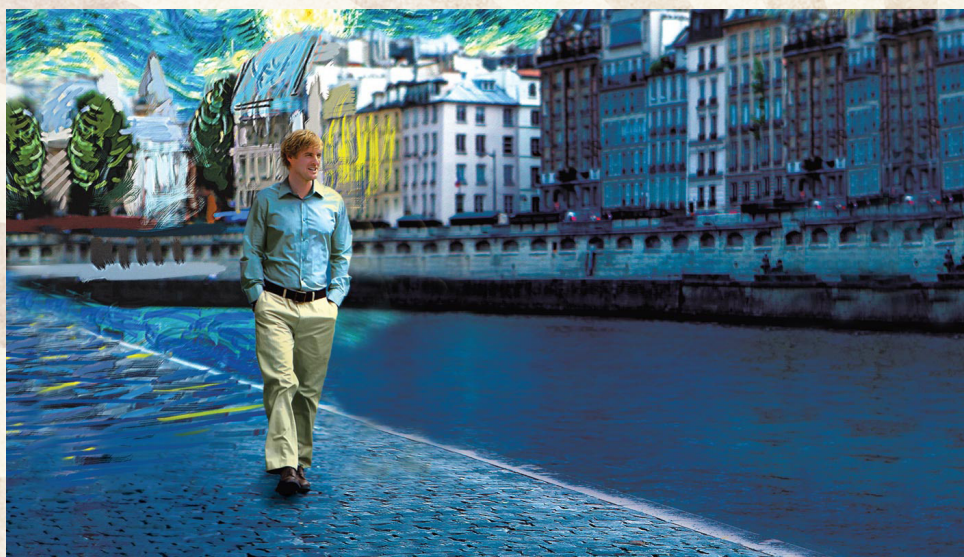
A eterna nostalgia

*O sentimento já foi retratado algumas vezes no cinema. Um dos casos mais recentes foi no filme *Meia-noite em Paris*, que através de encontros do personagem principal com um passado idealizado encanta o público*

ANA CAROLINA SARMENTO SOARES PORTO E
MILENA LOURENÇO

Se você pudesse voltar para um momento da história por algumas horas, para onde você iria? Provavelmente, a escolha seria um período que lhe encanta, com figuras marcantes que se tornaram celebridades com o passar dos anos. Essa é a premissa do filme *Meia-noite em Paris*, uma história que conferiu ao diretor Woody Allen o Oscar de Melhor Roteiro Original e encantou pessoas em todo o mundo por falar de um tipo de nostalgia muito comum: a que não foi vivida.

O protagonista Gil (interpretado por Owen Wilson) é um roteirista de Hollywood que se sente incomodado por fazer filmes industriais, considerando-os medíocres mesmo com as boas bilheteria. Para mudar essa realidade, Gil começa a escrever um livro cuja história é a de um homem que trabalha em uma loja nostálgica, isto é, um local que vende objetos usados para pessoas que vivem no passado e creem que



*Cena do filme *Meia-noite em Paris* com o fundo mesclado com pintura*

seriam mais felizes nesse período. Com medo do fracasso, ele se torna inseguro e não permite que ninguém leia a história antes que ela seja finalizada. O protagonista de seu livro nada mais é do que um retrato do próprio Gil, que gostaria de viver em outra época, mais especificamente em Paris na década de 1920. Por conta do fascínio, ele viaja para a cidade com a noiva à procura de inspiração. Para a sua surpresa, todos os dias, à meia-noite, ele volta para o passado que tanto sonhou e conhece os ilustres es-

critores que mais admira.

Gil vive a chamada “síndrome da Era de Ouro”, na qual se acredita que a vida em um período no passado era bem melhor do que a do presente. Essa época é idealizada e imaginada da forma que gostaríamos que ela fosse. Com o decorrer do filme, Woody Allen nos mostra que essa nostalgia de um período não vivenciado sempre existiu e que não é exclusiva dos anos 2000. O presente aparece como algo chato e insatisfatório, por isso as pessoas no passado eram felizes.

O cinema

Sucesso de crítica e público, *Meia-noite em Paris* levanta questões que não envelhecem, e podem ser debatidas em qualquer época. Para o professor da PUC-Rio e crítico de cinema Arthur Dapieve, o filme tem uma maneira muito madura de lidar com a questão do passado.

Acho que *Meia-noite em Paris* é um filme muito feliz sobre nostalgia, porque ao mesmo tempo em que ele tem o veneno, ele tem o soro que salva. Ele mostra a coisa charmosa da nostalgia, mas mostra que ela tem um problema meio paralisante, você sempre idealiza demais o passado, conta.

Woody Allen detém o recorde de maior número de roteiros indicados ao Oscar: são 16 ao todo. Desde 1982 o diretor não ficou um ano sem lançar pelo menos um filme, e ao longo de sua carreira são contabilizadas 51 produções cinematográficas. Com um currículo tão extenso, ele consegue fazer longas bem diversos, mas ao mesmo tempo muito característicos.

Woody Allen foi sempre um pouco nostálgico, mas eu acho que nunca tão maduramente nostálgico como nesse filme. Se você pegar filmes como *Manhattan*, que alguns dizem que é o melhor dele (em preto e branco), tem uma coisa nostálgica, uma Nova York meio desaparecendo, uma Nova York idealizada, que talvez nem ele tenha vivido, pois nasceu em 1939. Acho que *Meia-noite em Paris* é feliz porque ele já consegue olhar para a nostalgia, e, sobretudo, talvez por ela ser em outro lugar,



Gil interagindo com Adriana (Marion Cotillard), uma moça que ele conhece no passado

ele se distancia da nostalgia e pensa mais criticamente sobre ela, analisa Dapieve.

Essa boa saudade de um momento que já se foi nos faz esquecer o lado negativo do período. Adultos, por exemplo, costumam ver a infância como um dos períodos mais felizes de suas vidas, mas se esquecem das privações e da vontade que tinham de crescer logo. É muito comum ouvir um jovem, no Brasil, falar que gostaria de ter vivido nos anos 1970 ou 1980. A justificativa costuma ser em relação ao período do movimento *hippie* e à proliferação de bandas que se tornaram ícones, na chamada Era do Rock. Ao mesmo tempo, o país vivia uma ditadura, com pessoas sendo torturadas e uma liberdade de expressão ceifada. Segundo Dapieve, no cinema o sentimento não é diferente.

Filmes de época tendem

a ser nostálgicos. *Orgulho e Preconceito* parece lindo, né? As pessoas morriam de tuberculose aos 15 anos, mas aquilo é pintado de uma maneira diferente. Então filme de época tende a ser meio nostálgico, a não ser que seja sobre uma guerra, aí você se sente privilegiado por não viver na época da Segunda Guerra Mundial, nem da Primeira. A nostalgia engancha muito a atenção das pessoas e não só no cinema, porque ela pressupõe um passado que está sob controle. As coisas do passado não te atingem mais, pelo menos não da maneira que atingiam, então parece que ele é melhor, explica.

A literatura

Mas não é só a sétima arte que pode ser analisada pelo longa de Woody Allen: a questão literária está presente em todos os



Professor da PUC-Rio e crítico de cinema, Arthur Dapieve

momentos. Não são poucos os ídolos que Gil encontra: F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e Gertrude Stein são apenas os exemplos mais marcantes. O protagonista se espelha nessas célebres figuras para compor o livro ao qual tanto se dedica. A professora de Literatura Giovanna Dealtry afirma que a escolha da cidade se deve muito ao fato de Gil ser um escritor literário iniciante.

Ele elege, como tantos outros, a cidade de Paris no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX como esse lugar onde a inspiração, a presença e a vivência daqueles personagens vão estar ali. É como se esse fosse o lugar para se estar, para se tornar um escritor. Foi isso que fez com que nomes tão variados como Hemingway e Müller migrassem para Paris fugindo de guerras ou de problemas civis nos seus países, explica.



Professora da PUC-Rio Giovanna Dealtry

Toda obra, seja ela literária ou não, tem influência de outra feita anteriormente. O próprio Gil é um exemplo, pois segue os passos de seus ídolos como fórmula para escrever uma boa história. Mas o forte resgate ao passado pode ser considerado hoje uma exceção, como explica a professora Giovanna.

A partir do Romantismo há uma ruptura com a ideia de que o passado é melhor, uma vontade e interesse muito grandes pelo presente e pelo futuro, que quebra com todos os modelos do passado e olha para o presente. Por isso nas Artes Plásticas e na Literatura, por exemplo, muitos desses nomes não vão ser aceitos na Europa tão facilmente. Baudelaire e Verlaine são aceitos nos círculos deles, mas não são aceitos publicamente porque estão rompendo com os modelos estabelecidos pelo passado, comenta.

Foi no Modernismo que essa busca pelo futuro se intensificou mais. O Brasil não foi uma exceção, e contava com grandes

autores e poetas que buscavam romper com as formas tradicionais de escrita. Ainda assim, a busca pelo passado no meio literário nunca deixou de existir.

Existem também personagens saudosistas, como Rubem Fonseca, um nostálgico que vive nesse momento contemporâneo dos anos 1980 para procurar o Rio antigo. Ele vai ter sempre a visão de que o passado é melhor do que o presente e que as modificações foram negativas, mas essa postura radical, negativista ou saudosista nem combina muito com os grandes escritores do século XX, afirma Giovanna.

Woody Allen deixa claro o seu pensamento em relação à nostalgia, afirmando, pelas palavras de um dos personagens, que: “para ser um bom autor é necessário sair da ilusão, que é o passado”. Ao mesmo tempo, o roteirista faz as próprias obras exalarem o passado distante, um que nunca conheceríamos se não fosse pela história e pela arte.



Cinema

Ficou interessado? Então pode preparar a pipoca, porque a Eclética selecionou para você outros filmes que remetem ao passado



Rosa Púrpura do Cairo (1985)

O filme retrata de forma nostálgica a primeira metade do século XX. A história gira em torno de Cecília, uma garçonete que tem uma situação conflituosa com o marido. Ao ir ao cinema ver o mesmo filme pela quinta vez, ela vê o herói saltar da tela. O filme recebeu o Oscar de Melhor Roteiro Original.

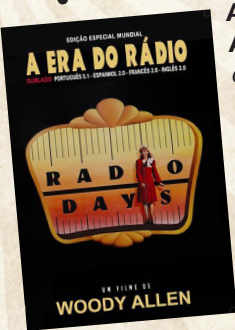
Diretor: WOODY ALLEN.



O pequeno Nicolau (2010)

Nicolau é um menino que mora em Paris da década de 1950. Um dia ele passa a acreditar que os pais vão ter um bebê e, sem condições de criar os dois, vão escolher ficar com o menor e abandonar o mais velho em uma floresta, como acontece na história infantil que ele ouviu na escola. O filme mostra o ponto de vista do protagonista sobre o mundo e nos faz lembrar como é ter a lógica de uma criança. O longa foi indicado ao César de Melhor Roteiro Adaptado.

Diretor: LAURENT TIRARD.



A Era do rádio (1987)

A história gira em torno das lembranças de um garoto judeu vivendo com a família em Nova York na época da Segunda Guerra Mundial. O filme faz o espectador voltar à época áurea do rádio, na qual ele era o maior veículo de comunicação, antes do surgimento da televisão. O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Direção de Arte.

Diretor: WOODY ALLEN.



Cinema Paradiso (1988)

Um cineasta italiano volta à cidade natal após a morte de um amigo. As lembranças o fazem voltar à época em que ele era só uma criança que fugia para o Cinema Paradiso acompanhar as projeções dos filmes. Foi lá que ele se apaixonou pela sétima arte e passou a conviver com o projetorista Alfredo. O filme traz de volta os pequenos cinemas do interior, grande atrativo de cidadezinhas. O longa venceu o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Diretor: GIUSEPPE TORNATORE.

Literatura

E para os amantes de literatura, separamos dicas de leituras que vão fazer você voltar no tempo

A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro (1992)

O conto do livro retrata uma parte da vida de Augusto, um flunar, isto é, uma pessoa que gosta de caminhar sem rumo pelas ruas. Após ganhar na loteria, ele passa a dedicar a vida ao sonho de ser escritor e resolve conhecer o verdadeiro Rio de Janeiro. O personagem procura recuperar a memória da cidade, de espaços e locais que não existem mais. Menciona o passado a todo o tempo e expõe a saudade que sente por um período que gostaria de ter vivido.

Autor: RUBEM FONSECA.



O menino no espelho (1982)

Esse infanto-juvenil narra as lembranças do autor quando ele era apenas um menino que morava em Belo Horizonte na década de 1920. São vários contos que fazem o leitor voltar para a época cujas maiores preocupações eram simples, como a do protagonista, que resolve salvar uma galinha da degola para transformá-la em um bichinho de estimação. A imaginação também está presente, permitindo lembrar como era fácil criar histórias e viver no meio delas como se elas fossem reais.

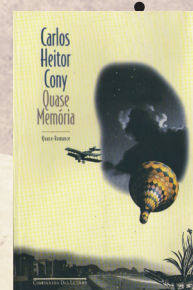
Autor: FERNANDO SABINO.



Quase memória (1962)

Tudo começa quando o autor recebe um envelope e nele reconhece a letra do pai, já falecido há dez anos. Ao observar pequenos detalhes, como o embrulho e o nó, Cony relembra características e histórias desse amigo sempre presente que possuía uma formidável vontade de viver. A relação pai e filho é resgatada a partir do verdadeiro protagonista da história: o também jornalista Ernesto Cony Filho. O livro ganhou dois prêmios Jabuti: de Melhor Romance e de Livro do Ano na categoria ficção.

Autor: CARLOS HEITOR CONY.



No teu deserto (2010)

Na história, um homem conhece uma jovem pouco antes de iniciar uma viagem de jipe pelo Saara e os dois acabam enfrentando a aventura juntos. Com isso, eles vivem uma história de amor que só dura enquanto ambos estão imersos no deserto. Vinte anos depois, o narrador descobre que a jovem que conheceu havia morrido. Sentindo-se nostálgico em relação ao período em que foram um casal, ele decide contar a história desse relacionamento que guarda na memória com tanto carinho.

Autor: MIGUEL SOUSA TAVARES.





Uma viagem através da música

Não precisamos de uma máquina do tempo para viajar aos anos 1950 ou 40. Para quem viveu nessas épocas, só escutar uma canção é o suficiente para reavivar lembranças e memórias do que já passou. Mas nem é preciso ter vivido no passado para sentir saudade. Entre discos de vinil e vitrolas, vasculhamos histórias para entender esses fãs de música nostálgicos

JULIANA SACRAMENTO E MILENA FORTES

O ano era 1984. Todas as sextas-feiras, alunos do ensino primário do Colégio de Aplicação da UERJ participavam de atividades

lúdicas após quatro dias de aula em horário integral. Com uma vitrola disponível, os meninos trataram logo de utilizá-la, montando um grupo cover da banda Menudo. O que eles não esperavam era se deparar com a concorrência. Com um

gosto nada infantil, quatro coleguinhas de classe decidiram vivenciar o *rock and roll* imitando os Beatles incentivados pelo pai de um deles, que era um beatlemaníaco assumido. No papel de George Harrison estava Rafael Rusak, agora professor da PUC-Rio. Foi nesse cenário que começou uma paixão que perdura até hoje.

Na época do primeiro contato com os Beatles, Rusak tinha apenas 9 anos e não imaginava que um dia se tornaria um colecionador de vinis e principalmente da obra da banda. Ele calcula ter cerca de 2 mil em casa, incluindo também álbuns de clássicos do rock nacional e da MPB, mas pretende se desfazer de alguns por falta de espaço. Para ele, só os discos permitem a experiência plena de ouvir música.

“No vinil você tem que mudar o lado, tem que pular aquela faixa que acha chata, então você não deixa ele rodando e vai tomar banho, fazer outras coisas. Quando vai ouvir o vinil, você pega sua cervejinha, fica escutando no sofá, olhando a capa, pega um livro, geralmente sobre música, para folhear e pegar as referências. Ou seja, tem que estar presente na situação. Ouvir vinil é mais ritualizado, é diferente de como a geração mais nova tem a relação com a música, que é quase uma trilha sonora da vida, então eu acho que eles estão sentindo falta disso”, diz Rusak.

A paixão pelos discos fez o professor criar o Bolacha Preta Filmes, um canal no Youtube onde apresenta algumas faixas de seus LPS de música brasileira. Rusak seleciona alguns clássicos, como músicas de Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa e Chico Buarque, grava o som da música e deixa a imagem saudosista da vitrola em movimento. Ele também escreve curiosidades sobre bastidores daquela canção, como quem produziu, quem criou a capa do disco e as informações técnicas do álbum. O canal existe há dois anos e hoje conta com mais de 240 vídeos, quase meio milhão de acessos e 900 inscritos.

Mesmo na era dos smartphones e músicas em MP3, muitos jovens se interessam pelos discos em vinil, seja pela qualidade do som ou pela história que o item carrega. O estudante de publicidade Pedro Magalhães, de 21 anos, é um dos fãs dessa faixa etária que fazem questão de ouvir música como seus avós faziam. O interesse surgiu na in-



Professor Rafael Rusak, mas que já foi George Harrison

fância, quando escutava discos com os avós. “Eu ia para casa da minha avó e ela sempre colocava algum vinil na vitrola e eu estava sempre por perto, olhando curioso, tentando entender como aquela máquina funcionava. Depois que cresci, escutava com meu pai alguns discos que ele guarda dos anos 1980 – Cazusa, Legião Urbana e outras bandas da época – e comecei a pesquisar e entender que o som compactado ali é melhor porque é menos comprimido que nos CD’s. Hoje eu compro meus próprios discos, comecei com um exemplar de *Abbey Road*, meu álbum preferido dos Beatles, que encontrei na Feira do Lavradio. A coleção ainda é pequena, mas pretendo me tornar colecionador”, conta.

A magia e o encantamento pelos vinis acontecem em uma pequena sala no Centro do Rio de Janeiro, repleta de LPS, do chão ao teto. É na Tropicália Discos, loja fundada em 2003 por Márcio Rocha, que muitos jovens encontram tesouros como o disco de Pedro. Apesar de receber clientes



Ellen e Denis, do rockabilly ao altar

na faixa dos 50 anos, Rocha percebeu que depois de 2008, cada vez mais jovens estavam procurando esse tipo de produto. “O ser humano tem essa tendência de recordar e quando alguma coisa é boa acho que influencia até quem não viveu na época. Esse é o caso do vinil. Tem o saudosismo de quem viveu que acaba contaminando os outros também”, explica.

A volta do vinil ao mercado fonográfico

Com a popularização da moda retrô no Brasil e no mundo, os LPs voltam a ser objeto de desejo e passam a fazer parte da vida de pessoas cada mais jovens. O último relatório anual da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, na sigla em inglês), realizado em abril de 2013, mostra que as vendas de vinis no ano de 2012 atingiram recorde, desde 1997. No ano passado, a British Phonographic Industry (BPI), instituição que mede a movimentação deste mercado no Reino Unido, registrou um aumento de 101% na comercialização dos dis-

cos. Já a Nielsen Soundscan, responsável pelos levantamentos nos Estados Unidos, informou que o crescimento foi de 32%, ambos comparados a 2012.

O Brasil não possui dados tão precisos, mas a Polysom – que ficou fechada por três anos – era a única fábrica de vinis da América Latina e foi comprada, em 2009, pela gravadora Deckdisc, que percebia o aumento das vendas nos Estados Unidos. Desde a reabertura, da empresa latina, 135.657 discos foram fabricados, entre clássicos da música brasileira e lançamentos do mercado. Em 2013, a companhia comemorou o aumento de 63% na produção, em relação ao ano anterior. No ano passado, a Polysom produziu 56.137 bolachas – como os mais íntimos chamam o vinil –, 23 mil a mais do que em 2012. O consultor comercial da Polysom, João Augusto, acredita que é a experiência de ouvir um vinil que o diferencia de um CD, mas as pessoas só se deram conta disso após o quase desaparecimento desse objeto. “O vinil é fundamentalmente uma experiência tátil, visual e auditiva. Manusear as quase 200 gramas do disco

nas mãos, colocá-lo no toca discos, observar magníficas artes estampadas em 31x31cm (contra os 12cm do CD), ler o encarte e a contracapa, trocar de lado e ainda ouvir um som que tem vantagens cientificamente comprovadas sobre qualquer som digital, tudo isso faz com que o vinil seja encarado como um fetiche, um objeto de desejo. Enfim, não é apenas um sentimento que une todas as pessoas que gostam de vinil”, explica Augusto.

Por definição, o áudio original – aquele produzido no estúdio – é analógico, mas a gravação digital captura dados desse sinal analógico em uma determinada velocidade (para CDs, cerca de 44.100 vezes por segundo) e mede cada dado com uma determinada precisão. Isso significa que os CDs não conseguem captar o áudio em sua totalidade e perdem-se sons de transição repentina como baterias ou trompetes, por conta da velocidade da captura. Nos aparelhos de CD, essa gravação então é convertida novamente para o analógico e enviada aos alto-falantes. Já os vinis possuem entalhes em sua superfície que refletem as ondas do som original. Ou seja, nenhuma informação é perdida, já que o toca-discos envia o áudio diretamente ao amplificador, sem converter. Segundo João Augusto, o vinil conserva uma profundidade do som que se perde claramente nos formatos digitais.

Mesmo com todas as comprovações científicas sobre a qualidade do vinil, há quem acredite que é o valor cultural desse objeto que dá relevância dentro do cenário das novas tecnologias. Paulo César de Araújo, professor de Comunicação e MPB da PUC-Rio e biógrafo, é um dos defensores desse viés. “Acredito que o vinil ganhou um *status*. Existe essa ideia de que é por causa do som, mas é mais que isso. É o que ele representou dentro desse universo da música popular. Eu escuto CD tranquilamente, não tem problema, mas nada se compara quando eu pego uma capa, vejo uma foto, um encarte. Acho que é isso que as pessoas valorizam. Esse fetiche, esse objeto ícone. Isso é valorizado”, finaliza.

Seja uma questão técnica, seja saudosismo, o fato é que existe um movimento nostálgico, de gente buscando referências, objetos e até um estilo vida de época que não viveram. Durante suas aulas Paulo César percebe que cada vez mais alunos na faixa dos 20 anos se interessam por músicas da

década de 1970 e 80 e rejeitam estilos musicais que hoje fazem sucesso, como o sertanejo universitário. Todo semestre, ao serem perguntados sobre qual é o artista da MPB que mais gostam, Chico Buarque é sempre o eleito, entre nomes como Gal Costa, Caetano Veloso e Cazuza. O professor acredita que é a força do cantor como ícone de resistência que o faz tão popular entre os alunos. “Chico se tornou um símbolo, mais que um cantor, mais do que um compositor, fazendo uma música que é brasileira e ao mesmo tempo crítica e social e se tornou modelo da MPB – música brasileira, influenciada pela bossa nova e de temática social. Então acho que isso reflete nessa preferência. Não surgiu ainda um artista na nova geração com todas essas credenciais”, explica Araújo.

A música tem o poder de transportar e, de certa forma, fazer os ouvintes vivenciarem algo único. Todo ano, blocos de Carnaval que tocam somente marchinhas compostas nos anos 1930, 40 e 50, arrastam multidões nostálgicas pelas ruas do Rio de Janeiro. Ellen Karini é uma dessas pessoas que se transportou para outros tempos, mas através estilo musical diferente: o *rockabilly*. O gênero é uma mistura de *rock* de 1950 com o *hillbilly*, uma

“Eu nunca havia dançado rockabilly, mas foi como se eu já tivesse nascido pra isso”

Ellen Karini



vertente da música *country* americana, e inclui passos de dança elaborados. Em 2007, em uma das festas ícones do *rockabilly* em São Paulo – a The Clock Rock – Ellen conheceu o estilo e se apaixonou. “Fiquei totalmente perdida, com aquelas pessoas dançando juntas cheias de passinhos, foi um misto de encantamento e estranhamento. Eu nunca havia dançado *rockabilly*, mas foi como se eu já tivesse nascido pra isso”, conta. O encontro entre Ellen e aquele movimento foi amor à primeira vista, ou à primeira dança, e mudou a vida da auxiliar administrativa, que na época cursava Educação Física. Em uma das noites no The Clock Rock, Ellen conheceu Denis Campos, e logo depois se casaram. A cerimônia não podia ser diferente: carros antigos, vestidos rodados e claro, a trilha sonora foi o *rockabilly*. Hoje, os dois dão aula da dança no mesmo bar onde se conheceram e ainda se apresentam em eventos do gênero.



A família ficou para trás

A estrutura familiar brasileira mudou. A população está envelhecendo, a mulher assumiu o controle e já não sonha em ser mãe. Para quem não aceita a mudança, só resta a nostalgia

ANA LUIZA CARDOSO

Numa tarde de outono, três idosos esperavam por uma ligação no pátio de um asilo em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. A cada toque do telefone, eles olhavam para a enfermeira que, como uma sorteadora de bingo, anunciava exaltante quem atenderia ao telefonema. Nati Georgiadis, de 86 anos, sacudia os pés e brincava com uma mecha do cabelo enquanto esperava. Há dias não recebia recados do filho ou da nora. “Devem estar viajando”, disse, arrancando suspiros dos dois colegas sentados ao lado.

Nati virou um personagem da nova estrutura da família brasileira. Ela é viúva, sem netos e não mora com o único filho. Ele não tem tempo para cuidar dela e viaja frequentemente. Ela decidiu se mudar para uma casa de repouso depois da morte do marido, em 2012. Preferia morar com estranhos a morar sozinha.

Nati nasceu em Pamplona, na Espanha. Acompanhou de perto a Guerra Civil Espanhola, nos anos 1930 e a Segunda Guerra Mundial, nos anos 1940. Com frequência, lembra da família na Europa e dos irmãos mais novos se escondendo pela



A população brasileira está envelhecendo e cada dia abrem-se mais casas de repouso

casa. Veio para o Brasil com o marido à procura de trabalho, uma década depois. Morou em São Paulo por quase 30 anos. Nas férias, viajava de carro com a família. Gostava de passar os fins de semana numa fazenda com o marido e o filho, no interior do estado. Organizava festas de fim de ano, reunia os amigos.

Hoje, na casa de repouso, ela acorda todos os dias às seis da manhã para tomar café. Assiste às aulas de yoga, dança de salão e artesanato. Gosta de ler, ver televisão e fazer caminhadas. Evita sair porque ouviu dizer que a cidade está muito violenta. O filho e a nora a visitam quando podem, segundo ela. “Ele viaja muito pelo país. Neste instante está trabalhando em Tocantins”, diz.

A agenda cheia não a afasta das lembranças do passado. Ao falar do marido e do filho, sorri, olha para as unhas, desconversa. Ela sente saudades da casa em que morava e da família que a acompanhou por toda a vida. O convívio, a conversa na mesa de jantar. Quando era jovem, a família mantinha o idoso em casa. Ele era uma figura de autoridade no lar.

O envelhecimento da população gerou um aumento na busca por casas de repouso. Este é um dos fatores para a mudança nas fotos de família. A estimativa é que o número de brasileiros acima de 65 anos se quadruplique até 2060. Segundo o IBGE, a população com essa faixa etária deve passar de 14,9 milhões, em 2013, para 58,4 milhões, em 2060. A maior participação da



Até 2060 o número de brasileiros com mais de 65 anos deve quadruplicar

mulher no mercado de trabalho e as baixas taxas de fecundidade também influenciaram a mudança.

É o fim da família tradicional?

A formação tradicional da família está com os dias contados. Casais sem filhos, pessoas morando sozinhas, casais gays, mães solteiras, pais solteiros, amigos morando juntos, netos com avós, irmãos e irmãs e famílias com filhos de diferentes casamentos ganharam mais espaço. No total, existem 19 laços de parentesco na estrutura familiar brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Em 2000, havia 11 laços. Os novos lares somam 28,647 milhões, 28.737 a mais que a formação clássica.

O benefício da transformação das famílias é a aceitação à diversidade. Há 50 anos, uma mulher divorciada ou solteira era

mal vista, sofria preconceitos. As uniões homossexuais também são mais aceitas. Por outro lado, a flexibilização de regras e formatos dentro de casa enfraqueceram a influência que os pais têm sobre os filhos, segundo a psicóloga e psicoterapeuta Rosângela Teles.

Há quem insista em querer viver de passado. A formação da família tradicional proporcionava a sensação de segurança e acolhimento. Em asilos, esse distanciamento é um dos principais causadores de nostalgia.

O primeiro contato que os idosos têm com a nostalgia ocorre durante a aposentadoria. A renda familiar é reduzida e os projetos são deixados de lado. Depois, eles enfrentam as consequências do tempo. Precisam de ajuda para as tarefas do lar. Não conseguem limpar a casa, cozinhar e se tornam dependentes dos familiares. O momento de maior impacto para o idoso

ocorre quando ele se afasta do convívio com os filhos e netos, diz a diretora da casa de repouso Vila do Sol, Cristina Abdalla.

Os idosos estranham os novos laços e fazem questão de recordar dos “bons e velhos tempos”, segundo Cristina. Para contornar o quadro nostálgico, ela investe no presente. Organiza festas natalinas, bailes e encontros entre os hóspedes – como são chamados os moradores do asilo. Colaborou na criação de um jornal interno para que eles possam trabalhar e produzir reportagens.

“Nós precisamos ocupá-los. Eles precisam encontrar a felicidade na velhice também. Se insistirem no passado, entrarão num quadro depressivo e melancólico. Na idade deles, é altamente perigoso”, diz Cristina. “É fundamental que eles se sintam parte desse novo contexto”, completa.

A nostalgia remete a um momento do passado e impede a obtenção do prazer durante novas experiências. De acordo com a psicóloga Nádia D’Avei-

ro, uma das consequências da nostalgia é o aprisionamento a padrões de vida antigos.

“O conceito de família não existe mais. A família pode ser a empregada doméstica, os professores, amigos. A família celular, mais conhecida como a tradicional, foi enfraquecida”, diz.

Ainda segundo a psicóloga, as novas gerações não viverão mais o conceito de família. Uma das implicações desses novos modelos é o enfraquecimento das regras e princípios. “Antigamente, obedecíamos às regras de casa e elas se estendiam às ruas”, complementa.

A universitária Maria Pontes, de 23 anos, precisou encarar os ares dos novos tempos quando era criança. Ela tinha dois anos quando os pais se divorciaram. O pai foi morar em Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Ela ficou com a mãe e os dois irmãos no Rio de Janeiro.

Cinco anos após a separação, o pai de Maria casou-se novamente com outra mulher e teve mais dois filhos. Na mesma época, a mãe de Maria dava início

a uma nova relação. Ela foi morar com o novo marido, pai de dois filhos.

“Eu tenho seis irmãos, um pai, uma mãe, uma madrasta e um padrasto. Quando era nova, o dia das mães e dos pais era extremamente confuso”, diz brincando.

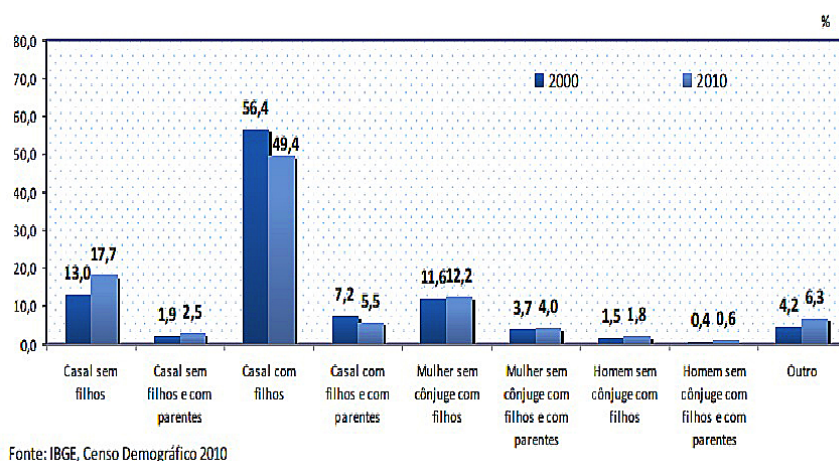
Hoje, Maria ri ao falar sobre a família grande. Quando criança, sofria com a discriminação entre colegas na escola. No dia dos pais, os professores separavam os alunos filhos de casais separados e pais falecidos do resto da turma. A ideia era observar o comportamento e permitir que as crianças compartilhassem experiências. Para Maria, essa divisão a fazia se sentir inferior às outras. Não queria ser vista como uma criança de criação diferente.

“Eu gostava da minha madrasta e do meu padrasto, mas achava tudo confuso. Na época, eu preferiria ter uma família normal, ficava triste, chorava”, diz. Ela sentia falta das reuniões em família, principalmente no Natal. Depois do divórcio dos pais, os encontros diminuíram e os pais passaram a revezar as datas.

O Natal e o Réveillon podem desencadear angústia e depressão. Entre 23 de dezembro e 1º de janeiro cresce em 20% o número de ligações para a ONG Centro de Valorização da Vida. Em média, eles recebem 70 ligações por dia. No fim do ano, o número pode chegar a 90. A maioria é de pessoas que estão sozinhas e se sentem tristes por causa da perda de parentes.

Isso ocorre porque boa par-

Distribuição das famílias únicas e conviventes principais, por tipo
Brasil - 2000/2010



te da população enxerga a estrutura tradicional da família como a mais apropriada, segundo a psicóloga Rosângela Teles. Como mostram as propagandas veiculadas na televisão. A mulher cuida da aparência, filhos, roupa suja e comida. O homem se senta à cabeceira da mesa, comanda a relação e compra carros de grande porte. Enquanto isso, as crianças brincam no quintal. É a família da margarina.

“Vai demorar ainda para nos acostumarmos com a presença dos novos laços”, diz Rosângela. “A nostalgia entra neste contexto como uma idealização do passado. Só lembramos das partes boas, nunca temos um retrato real”.

As novas gerações

O universitário Fábio Nogueira, de 21 anos, está há oito meses sem ver a família. Em agosto de 2013, foi estudar na China pelo programa Ciência sem Fronteiras. Voltará para casa em 2015. Fábio cursava Ciência da Computação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Agora, faz o curso na universidade Tongji, em Xangai.

Mora num apartamento com outros estudantes brasileiros. Pela manhã, sai de casa para a faculdade e só retorna no fim do dia. Teve que aprender matemática e física em outro idioma. O vocabulário limitado restringia as suas amizades a grupos brasileiros.

“Eu ficava nervoso, queria me expressar melhor, conversar direito. Às vezes dá vontade de falar português mesmo sem nin-



Fábio estuda na China, mas sente nostalgia da vida em família

guém entender”, diz. A solidão de Fábio desencadeou a nostalgia. Queria encontrar a família aos domingos. Assistir televisão com o pai e jantar com a irmã e a mãe.

O fuso horário o afastou ainda mais deles. São 11 horas de diferença. Fábio tenta marcar conversas pelo Skype, posta fotos no Facebook, manda emails, mas nada substitui o convívio com os familiares.

Até o final do ano, 100 mil

estudantes sairão do país pelo programa Ciência sem Fronteiras. Além de aprimorar os conhecimentos, ter contato com outras culturas, boa parte dos participantes visa uma vida distante da cidade natal e das famílias.

“Vim para a China para me desafiar. Sempre amei a cultura oriental. Sonho com isso desde criança, mesmo que assim, eu tenha que me distanciar dos meus pais”, diz Fábio. ❀



HIPERLINKS



- Casa de repouso Vila do Sol: <http://www.casaderepousoviladosol.com.br/>
- Ciência sem Fronteiras: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>
- Pesquisa IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/impressa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>